

### Insegurança no ABC paulista

*Inflação, recessão, desemprego, são algumas das dificuldades cravadas na pele da classe operária. Demissões em massa na Brastemp, invasão da fábrica pela polícia em ato pacífico dentro da empresa, pancadaria. Esse é o panorama da situação geral por que passa o ABC paulista. Veja matéria na página 8.*



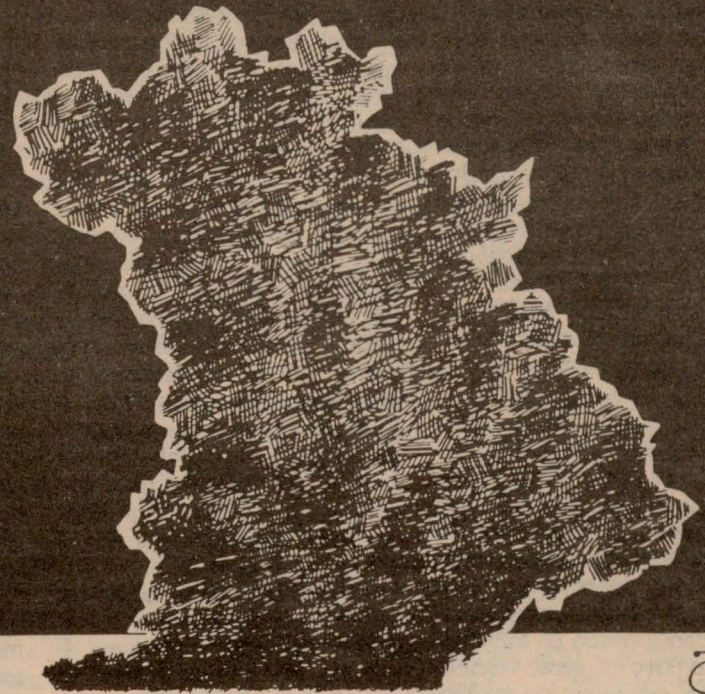
# A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

### As doações continuam

*Collor e seu governo de traição prosseguem no caminho da entrega do patrimônio público brasileiro. Da venda da Usiminas e da Celma não entrou nenhum dinheiro para os cofres do Tesouro. Dia 11 será a vez da Mafersa, empresa estratégica e lucrativa. São os leilões-doações do país. Veja matéria na página 5.*

# O PAÍS À DERIVA



*João*

*O governo perdeu a capacidade de controle sobre a economia e enquanto isto se multiplicam os indicadores de que esta caminha rapidamente para o precipício. O fantasma da hiperinflação está de volta. E Collor continua implementando sua política antipovo e sobretudo antinacional, descaradamente entreguista. Em reunião realizada no início deste mês o Comitê Central do Partido Comunista do Brasil aprovou e divulgou um documento intitulado Em defesa da nação brasileira aviltada pelo governo Collor, onde constata que o país "vive em permanente crise de governo que se vai convertendo em crise de poder". A Classe o publica na íntegra nas páginas centrais. Leia também sobre a crise na página 4.*



**CDM**

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

# A CLASSE OPERÁRIA EM DEBATE

## Jornal de Partido

Com este número 71 já são 10 edições da Classe após retomada do trabalho com o jornal em julho passado. Um balanço inicial indica que o órgão central do PCdoB vai se firmando enquanto veículo que leva as opiniões do partido sobre os principais temas da atualidade política e econômica, à militância e aos setores avançados de nossa sociedade.

Nesse período que antecede o 8º Congresso conseguimos reconstituir uma equipe fixa de 3 jornalistas, dirigentes do partido têm escrito de forma regular para o jornal, compusemos um conselho consultivo de 15 companheiros a fim de aproximar a redação dos problemas concretos do povo, normalmente temos mais matérias que o espaço disponível, estamos recuperando o arquivo fotográfico, apresentamos um novo projeto gráfico bem como melhoramos a impressão do jornal, temos recebido dos estados um retorno financeiro que supre 50% de nossas despesas, conseguimos estabelecer vínculos jornalísticos mais próximos com companheiros da PB, RS, SP, GO, RJ, em especial.

Do ponto de vista editorial abrimos a sessão *Socialismo* para sintonizar o jornal com os debates sobre o tema, fizemos algumas entrevistas interessantes, divulgamos atividades de parlamentares e sindicalistas do partido e outras, fizemos denúncias de arbitrariedades contra os trabalhadores e o povo em geral, veiculamos lutas que normalmente não encontram espaço na grande imprensa. Tudo isso no sentido de defender a liberdade e o socialismo. São algumas vitórias que poderão assegurar a colocação do jornal num patamar superior após o congresso.

Entretanto, algumas deficiências são também evidentes. O jornal tem chegado com grande atraso nos estados, carece de reportagens mais vivas, não tem uma coluna de cultura. A tiragem atual de 11.500 exemplares é absolutamente insuficiente para

que o partido pudesse, através de seu órgão central jogar um papel mais destacado na formação de uma corrente de opinião sob sua influência. As dificuldades financeiras continuam grandes e em processo de agravamento. Ainda nos ressentimos de uma melhor compreensão acerca do papel que pode jogar um jornal político nacional, que supere o regionalismo e o economicismo, tão comuns em nossa atividade. De modo geral temos recebido poucas informações das atividades de parlamentares e outras do partido.

Na sessão "A Classe Operária em Debate", têm sido publicadas as opiniões da militância sobre o jornal. Em sua maioria cartas que saúdam a retomada e que procuram estimular a redação. Críticas bastante interessantes sobre a apresentação gráfica. Pretendemos transformar essa sessão em cartas dos leitores e estimulá-las ao máximo. Através delas poderemos falar mais vivamente sobre a vida e os problemas enfrentados pelo povo. Estabelecer vínculos efetivos com nossos leitores e assinantes. A experiência da sessão "Fala o Povo" da antiga *Tribuna Operária* foi muito boa. Vale lembrar também a *Pravda* leninista que em dois anos e pouco após sua fundação publicou mais de 17 mil cartas de operários.

Aparecem também no debate opiniões que pretendem transformar a Classe numa *Tribuna de Debates*. O camarada Antônio Martins expressou esse ponto de vista em sua carta ao jornal. Cabe esclarecer inicialmente que ele nos escreveu por sua iniciativa e não propriamente por uma solicitação nossa. Essa é uma polêmica bastante antiga no movimento revolucionário. Jornal de partido ou jornal de debates? Na opinião do camarada Antônio nosso jornal deveria ser polêmico, no sentido de relatar "as diferentes opiniões que surgem nos organismos de direção sobre temas como o golpe na União Soviética".

Existem polêmicas e polêmicas. Nosso jornal tem polemizado, ainda pouco, é verdade, com



outras correntes que atuam no movimento operário e popular. E também com os defensores do projeto neoliberal de Collor de Mello procurando fundamentar a defesa de um projeto nacional para nosso país.

Mesmo numa situação em que não havia um partido nacional organizado na antiga Rússia e sim grupos dispersos voltados para a atividade local, e que o plano leninista para a organização do partido passava em primeiro lugar pela existência de um órgão central que viria a ser a *Iskra*, Lênin perguntava: "como conciliar a existência de pontos de vista diversos com a unidade de redação do jornal? Ele deve ser uma simples compilação de opiniões diversas, ou deve ter uma orientação independente, perfeitamente determinada?" E o próprio Lênin respondia: "nesses problemas nos decidimos pela segunda opinião".

Poderia o nosso partido falar ao povo através de opiniões divergentes ou da opinião pessoal de cada dirigente? Isso não estimularia o grupismo? O partido fala através de uma "orientação determinada" que unifica sua ação no movimento de massas. A Classe procura transmitir a opinião do partido sobre os principais acontecimentos nacionais

e internacionais. A opinião do coletivo organizado e da direção que o representa e não a de um indivíduo ou grupo de camaradas.

O problema contudo não fica resolvido. O partido defende a unidade de ação mas não a una-

nidade de posições no debate interno. Particularmente agora num momento de crise do socialismo, onde as discussões e a polêmica entre os comunistas têm papel destacado. Ao lado da defesa dos princípios há muitas questões novas a serem resolvidas, naturalmente surge a dúvida e o debate profundo que foge ao simplismo, demanda tempo e instrumentos eficazes.

Como então manter o órgão central com as opiniões do partido e, ao mesmo tempo, dar curso às discussões internas entre os comunistas na imprensa partidária? No meu ponto de vista, a solução está na *Tribuna de Debates* que é onde o militante, individualmente, expõe livremente suas opiniões a exemplo da que atualmente circula. Quando se abre uma discussão no conjunto do partido, e isso se faz necessário sempre que apareçam temas relevantes ou polêmicos, deveríamos ter uma tribuna desse tipo. Mesmo que as discussões não desembocassem num congresso. Dessa maneira ficaria garantido o processo coletivo de amadurecimento e elaboração de opiniões.

Dilermando Toni - editor

## Sugestões importantes

Quando se assinala o êxito das dez edições da Classe em sua fase atual, duas sugestões me parecem oportunas: 1) os artigos que abordam problemas teóricos e políticos candentes e expõem a orientação do PCdoB - geralmente assinados por alguns dos seus principais dirigentes - precisam assumir um tom polêmico - hoje irrecusável face às exigências de uma luta de idéias que esclareça a militância e ajude a desnudar os equívocos de certos segmentos da esquerda brasileira, sobretudo os que se inclinam mais nitidamente para

a social-democracia. As idéias justas não se afirmam por si mesmas, mas através do confronto com as que se lhe opõem. 2) A página 2 deve acolher - como um espaço destacado - cartas de militantes e ativistas do movimento operário e popular, dando conta de denúncias, exemplos de lutas, aspirações e sentimentos das massas. Assim, o jornal estabelecerá um vínculo mais direto e consistente com a sua base social e política de sustentação.

Luciano Siqueira, Recife-PE

## Ecologia e petróleo

Até agora eu não estou entendendo bem a questão ecológica. A que ponto os ecologistas querem chegar na teoria da preservação da floresta amazônica. Ao que parece, talvez inocentemente, eles fazem jogo duplo, levando o povo a acreditar numa coisa e no fundo o que existe são interesses contrários à nossa independência, principalmente de nações poderosas interessadas na internacionalização da Amazônia.

Isso me faz recordar o mês de novembro de 1955 no qual a Petrobrás alcançou o lençol de petróleo em Nova Olinda no interior do Amazonas. Foi o poço de petróleo mais promissor que o Brasil perfurou até hoje, que eu me lembro. Quando a sonda bateu no are-

nito o jato de petróleo subiu a 35 metros acima da torre. Ninguém fala mais nisso. O Amazonas é um mar de água sobre um mar de petróleo.

Talvez seja por isso que se defende tanto a ecologia e, no entanto, está se defendendo a entrega deste petróleo a empresas estrangeiras. Peço desculpas por não ter podido me expressar direito. O assunto é relevante e merece estudos.

As revistas da época publicaram reportagens brilhantes sobre a descoberta, especialmente o *Cruzeiro*, *Manchete* e *Fatos e Fotos*, além do jornal paulista *Notícias de Hoje*.

Francisco M. Nunes, Osasco-SP

**A CLASSE OPERÁRIA**

**Diretor e Jornalista Responsável:** João Amazonas  
**Editor:** Dilermando Toni  
**Redação:** Umberto Martins, Pedro de Oliveira e Sara Seles  
**Projeto Gráfico:** Auracébio e equipe  
**Diagramação e Arte:** José Luiz Muñuera Reyes  
**Endereço:** Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - CEP 01318 - SP  
**Fone:** (011)36-7531 Telex 11-21983  
**Fax:** (011)36-4104  
**Composição e arte final:** Compuart  
**Fone:** (011) 36-0412

Impressões Folha Gráfica S/A

### Assine já o jornal A Classe Operária

Nome .....  
 Endereço .....  
 CEP ..... Cidade ..... Estado .....  
 Profissão .....

**"A CLASSE OPERÁRIA" CUSTA MUITO POUCO**  
 Assinatura trimestral: Cr\$ 2.400,00 Assinatura Semestral: Cr\$ 4.800,00  
 Assinatura trimestral de apoio: Cr\$ 4.000,00  
 Assinatura semestral de apoio: Cr\$ 8.000,00

Preencha hoje mesmo este cupom e envie cheque nominal à Empresa Jornalística A Classe Operária Ltda.  
 Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - SP - CEP 01318

CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

## Forças Armadas e soberania

Renato Rabelo\*

As Forças Armadas no Brasil estão no foco de intenso noticiário. Setores dominantes juntos com o imperialismo norte-americano que antes se amparavam nos militares, colocando-os na marcha da sua política, para fazerem o serviço sujo, tornaram-se agora seus acusadores. *O Globo* e a *Veja*, os jornais *The Economist*, *Financial Times* e outros, que antes eram coniventes com o regime militar e faziam de tudo para escamotear seus crimes, hoje transformaram-se em questionadores do papel das Forças Armadas e "rigorosos" apuradores das suas falcatruas.

Porque houve essa transmutação? Acredito que para compreender o que se passa, devemos buscar as razões em geral na nova ordem imperialista e em particular na sua estratégia atual para os países dependentes. A orientação "neoliberal" ditada para o chamado Terceiro Mundo e para o Leste europeu, visa liquidar as fronteiras nacionais desses países, integrando-os como apêndices de um mercado de grande escala dos oligopólios mundiais. Por isso, na política atual dos 7 ricos, é imprescindível solapar as bases que constituem o Estado nacional. Assim, no plano da defesa, procuram desmilitarizar as forças armadas, rebaixando sua autonomia militar transformando-a em corpos de polícia para a repressão interna e no combate ao narcotráfico.

Afirma o jornal inglês *The Economist*, porta-voz do imperialismo, que depois da guerra-



fria "a possibilidade de conflitos regionais é ainda maior no mundo". Hoje, "a ameaça vem do Terceiro Mundo". A "experiência de Sadam" demonstra que pode existir muitos "malfeitores potenciais". Em linguagem clara, quer dizer: quem aspire por independência ou tente qualquer forma de controle regional fora dos mecanismos das potências capitalistas, "deve pensar duas vezes". Desse modo, impõem que a política de defesa nacional dos países dependentes seja desvertebrada. Retirar das forças armadas condições para construção de armamentos estratégicos e impedir o domínio de tecnologia "sensível" como a energia nuclear e os foguetes de longo alcance. Condicionar qualquer "ajuda" financeira à aceitação das novas regras e congelar os arsenais militares. O pronunciamento de McNamara, grande personalidade do círculo dominante estadunidense, reafirma essa linha.

Na realidade, os "novos" críticos dos militares procuram criar um clima que permita transformar a função das Forças Armadas, subordinando-as aos planos de hoje dos imperialistas. Para eles, não se trata de combater sua função repressiva e antipopular como nós fazemos. Devemos sim, defender as Forças Armadas como instrumentos da defesa nacional. A compreensão dessa questão tem implicação importante em nossa tática.

\* Membro do Comitê Central do PCdoB

## Parlamentarismo, saída para a crise?

Aldo Arantes\*

Face ao agravamento da crise brasileira setores das classes dominantes procuram saídas: antecipação do plebiscito sobre o parlamentarismo, parlamentarismo branco, entendimento nacional, além de outras alternativas.

Com a aprovação, em primeira votação, da Emenda Richa que antecipa o plebiscito sobre o sistema de governo, a alternativa do Parlamentarismo já cresce. O autor da Emenda Constitucional e seus apoiadores juram de "pés juntos" que a antecipação nada tem a ver com a crise do governo. Na realidade o objetivo essencial da antecipação do plebiscito é o de ter uma saída conservadora para a eventualidade do agravamento maior da crise.

Uma eventual alteração de sistema de governo deve vir como consequência de um debate profundo e fecundo e não de razões meramente circunstanciais e episódicas como ocorreu após a renúncia do Presidente Jânio Quadros. É mais, do ponto de vista do movimento popular, só se justifica alterar o sistema de governo com uma maior democratização do parlamento. No entanto os defensores da antecipação do plebiscito na sua grande maioria, defendem o aprofundamento do seu caráter anti-democrático. Defendem a adoção do voto distrital misto e fixação de um percen-



tual mínimo de votos a nível nacional para assegurar a representação partidária do Congresso Nacional. O objetivo é institucionalizar a política do "curral eleitoral", varrendo do mapa político os partidos de esquerda e reduzindo ao máximo a representação política do movimento popular para dar mais estabilidade ao regime de espoliação dos trabalhadores. Sobreviveriam três ou quatro partidos.

A manobra de cunho elitista está clara. Ela não interessa ao povo. A alternativa de cunho popular está na construção de uma ampla frente de massas de oposição ao projeto neoliberal do governo Collor, organizada com base num projeto alternativo de cunho nacional, democrático e popular. A política entreguista do governo Collor, o descabro em que se encontra economia do país, o agravamento crescente das péssimas condições de vida dos trabalhadores, o arrocho salarial, a corrupção e o isolamento político do governo indicam que o país não terá condições de conviver com esta situação por mais três anos. Fora Collor é a palavra de ordem que expressa o sentimento de milhões de brasileiros. Torna-se necessário transformar este sentimento em vontade política através de um amplo e poderoso movimento de massas que dê um basta ao governo Collor.

\* Membro do Comitê Central do PCdoB

## EDITORIAL

## Uma homenagem

"Abaixo o fascismo! Não toquem em Lênin!" - este é o grito que ecoa nestes dias, em Moscou, na boca de homens e mulheres que não se curvaram à avalanche contra-revolucionária. Em vez da comemoração dos 74 anos da revolução socialista de 1917, o bando que assaltou o poder na URSS, sob o comando de Gorbachov-Ieltsin, pretende retirar do Kremlin os restos mortais de Lênin e banhos para uma aldeia. "Para que fiquem junto com os demais mortos de sua família", declaram cinicamente as autoridades.

Ocorre que a família de Lênin assumiu outro caráter. Sua obra teórica e suas realizações práticas à frente da classe operária fizeram sua família estender-se aos trabalhadores e às forças da liberdade em todos os continentes. As maiores transformações progressistas da humanidade estão intimamente ligadas ao nome de Lênin e à grandiosa revolução socialista que ele dirigiu.

O Partido Comunista do Brasil, em particular, orgulha-se de ser parte integrante da família leninista. Já em 1º de maio de 1918, trabalhadores brasileiros desfilavam nas ruas desfraldando bandeiras vermelhas, cantando a internacional e saudando a aurora do socialismo. O Partido nasceu, em 25 de março de 1922, como resultado do amadurecimento da classe operária e da influência da revolução russa. E em toda sua trajetória, desde então, esforça-se para defender e desenvolver as idéias revolucionárias do marxismo-leninismo.

Neste sentido, **A Classe Operária** faz, dessa edição, uma homenagem à revolução socialista de 1917. Irmã-se com o homem simples do povo soviético que se coloca em sentinela para defender Lênin do assalto reacionário - e que, com esse gesto, mesmo impedido de festejar nas ruas a data de 7 de novembro, revela que não desistiu da liberdade e do progresso.

Sobre essa resistência, ainda que inicial, à maré anti-socialista, vale acrescentar algumas palavras. Na Alemanha Oriental também, operários impediram que os reacionários destruíssem uma estátua de Lênin. E na Polônia, Lech Walesa, há pouco tempo tratado como salvador da pátria, sofre outro revés eleitoral, mostrando que os trabalhadores já começam a identificar o gosto amargo do neoliberalismo que lhes foi vendido como manjar divino.

São coisas pequenas. Mas em conjuntura tão adversa representam muito. De qualquer forma, são sinais vitais que a burguesia certamente pensava ter liquidado. É que as próprias contradições inerentes ao sistema de exploração capitalista alimentam incessantemente. São minúsculas sementes de rebeldia, que brotam do solo pedregoso e seco. Mas que os revolucionários têm o dever de valorizar, apoiar e ajudar a crescer - apoiados fundamentalmente no desenvolvimento e aplicação da teoria de Lênin nessas novas condições.

"O tempo não pára, o socialismo vive" - é o lema que o PCdoB escolheu para nortear a preparação de seu 8º Congresso, em fevereiro de 1992. E com esse espírito que, junto com cada cidadão que não perdeu a dignidade e resiste em qualquer parte do mundo, fazemos essa singela comemoração da grande revolução socialista de 1917.

# A volta do velho fantasma

Antonio Martins\*

O vendaval que sacudiu a economia nos últimos dias de outubro foi tão arrasador que surgiram até mesmo hipóteses segundo as quais o Palácio do Planalto tramava uma hiperinflação. A verdade é bem outra.

No início do segundo semestre, quando seu espaço político era bem maior, o presidente Collor lançou um desafio aos empresários, que queixavam-se de quedas nas taxas de lucros. "Os que reclamam", disse ele, "são os que se acostumaram a ganhar com os juros exorbitantes da ciranda financeira".

No último dia 5 o presidente do Banco Central (BC), Francisco Gros, declarou: os juros pagos pelo governo continuarão bem acima da inflação. O governo não tem outra política, no momento, para tentar segurar a disparada de preços.

O recado de Gros fechava um período de duas semanas em que o descontrole dos mercados financeiros atingiu níveis sem precedentes no governo Collor. Em 30/10, o momento mais terrível da crise, o dólar no paralelo chegou a subir 26,5% em algumas horas, e o governo elevou as taxas de juros a 42% ao mês. O país viveu instantes de pânico.

Para compreender estes fenômenos é preciso voltar às causas essenciais da crise que paralisa nossa economia há mais de uma década, em especial às dívidas externa e interna.

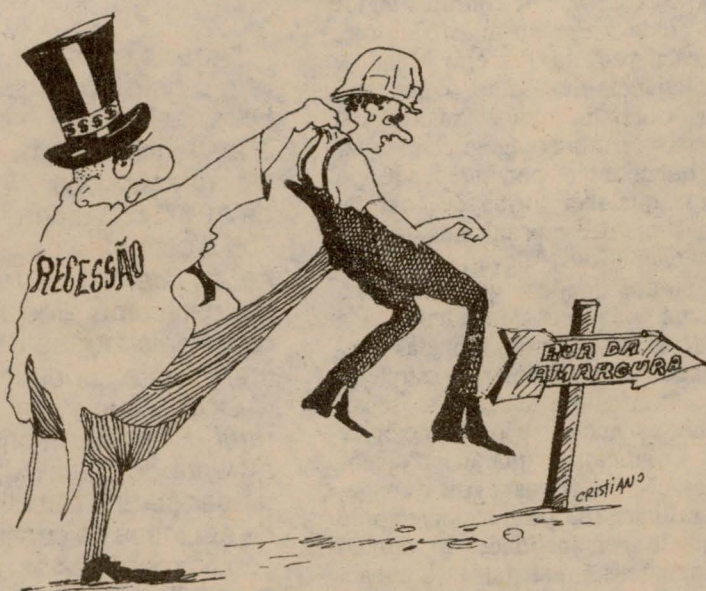
## Ingenuidade de Collor

Ao assumir o governo, o presidente Collor iludiu-se com a idéia de que poderia vencer ambos os obstáculos com um punhado de golpes bem aplicados. As pesadíssimas remessas de juros ao exterior, pensava ele, seriam neutralizadas pelos investimentos macios que o capital estrangeiro faria no país. E a rolagem da dívida interna, que arruinava o Tesouro e mantinha sempre presente o fantasma da hiperinflação, seria vencida com o congelamento, por 18 meses, dos ativos financeiros no Banco Central.

Dinheiro novo de fora nunca chegou a entrar em quantidades minimamente apreciáveis. O arrocho dos salários do funcionalismo, e os cortes profundos e seguidos impostos aos gastos do Estado permitiram até mesmo que sobrassem recursos da arrecadação de impostos para liquidar uma pequena parte da dívida interna. E o prolongamento da moratória técnica iniciada no governo Sarney mantinha em situação confortável as reservas internacionais em dólares.

Nos primeiros dias de julho, contudo, esta realidade começou a se alterar rapidamente e os sinais de descontrole iriam surgir em duas frentes.

Aproximava-se o fatídico dia 15 de setembro, em que o Banco Central estava obrigado a liberar, em parcelas mensais, as montanhas de cruzados novos retidos desde a posse de Collor. No front externo, o Senado aprovava a renegociação da dívida atrasada, e recomeçavam os pagamentos aos credores.



## Collor cede à especulação

A partir de julho o governo foi obrigado a romper uma tendência que se estabelecera desde o início da era Collor, e a ampliar a cada mês um pouco mais seu endividamento interno. Os credores, porém, passaram a exigir taxas de juros sempre acima da inflação para rolar a dívida, ao invés de transformá-la em dinheiro vivo e inundar a economia. Embora os atacasse nos discursos do presidente, o governo os atendeu.

Nessa mesma época, surgiram os primeiros sinais de descontrole cambial. A abertura do mercado brasileiro aos produtos produzidos no exterior elevava em muito as importações. A dívida externa exigia queima de reservas, e os dólares perdidos mal eram recompostos pelas vendas ao exterior e pelo "dinheiro novo" captado no mercado internacional.

Até outubro o governo tentou lidar com os dois problemas através da alta das taxas de juros. Os saldos comerciais com o exterior, contudo, caíam sem cessar, e apelou-se então para uma forte desvalorização do cruzeiro. Através dela a equipe econômica pretendia ampliar as exportações - já que os dólares obtidos no exterior eram trocados por mais dinheiro, ao entrarem no Brasil - e reprimir as importações - pois os produtos estrangeiros tornavam-se mais caros ao consumidor interno.

Mas o comércio externo voltou a apresentar resultados raquíticos. Além disso, o fracasso inicial do leilão da Usiminas afugentou os capitais externos e provocou, ao contrário, um movimento forte de remessa de dólares ao exterior. E como se tudo isso não bastasse, o Banco Central, que estava interessado em impedir uma valorização muito forte do ouro e do dólar no mercado paralelo, vendia grandes quantidades do metal, para segurar sua cotação. No final do mês o governo estava premido simultaneamente por duas situações de enorme potencial explosivo.

Por um lado, os credores da dívida interna já não aceitavam as taxas de juros oferecidas pelo governo, e ameaçavam resgatar seus títulos sob forma de dinheiro. Em setembro, revelaram os dados do governo, o volume de moeda em circulação cresceu 19,8%.

A decomposição das reservas em dólares ameaçava com um fantasma ainda mais aterrador.

## Descontrole e desespero

Foi numa situação de quase desespero que o ministro Marcílio e o presidente Collor decidiram intervir de duas maneiras paralelas nos mercados financeiros. Primeiro, comunicaram oficialmente que o Banco Central saía do mercado de ouro, para não perder mais reservas. Depois, puxaram bruscamente a taxa de juros praticada no *overnight*, que pulou num único dia da casa dos 30% para 42%, brutos, ao mês. O objetivo era ao mesmo tempo estimular os credores da dívida interna a manter seu dinheiro aplicado e atrair recursos antes aplicados no ouro e no dólar, impedindo uma alta descontrolada destes ativos.

As seqüelas, contudo, se fizeram sentir. A alta nos juros provocou, tanto quanto a desvalorização do cruzeiro promovida no início de outubro, uma forte tendência de remarcação de preços. Em novembro, a inflação deve ser superior a 30%, com alta de quase 10% em relação ao mês anterior. Além disso, deflagrou a retração sensível da atividade econômica, e o surgimento de onda de demissões sem precedentes nos últimos anos.

O pior, para o governo, é que não havia sinais de estabilização duradoura à vista. Em 1/11 o Banco Central avisou que as exportações não haviam se recuperado, e a perda de reservas continuava. Uma nova e forte desvalorização do cruzeiro parecia inevitável, e com ela mais inflação, mais descontrole da moeda, mais instabilidade política.

\* colaborador da Classe

## CURTAS E BOAS

# Repúdio ao arbítrio

João Amazonas, presidente nacional do PCdoB, e vários deputados do partido protestaram com veemência contra a arbitrariedade de que foram vítimas os jornalistas David Renault e Elizabeth Lopes, condenados a seis meses de prisão por publicação de denúncias de corrupção na extinta Siderbrás. A condenação dos jornalistas merece o repúdio de todos os que defendem a liberdade de imprensa e que são contra a corrupção.

## Vitória da CSC em Cuiabá-MT

Foi reeleito presidente do Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Cuiabá o médico Otaviano Fontes, coordenador da CSC em Mato Grosso, com 53% dos votos. Esta vitória é uma demonstração do respaldo que a Corrente Sindical Classista vem angariando nos meios sindicais.

## EUA mantêm presença militar em Honduras

Elizabeth Adair, porta-voz da embaixada dos EUA em Honduras, declarou há poucos dias que a presença militar norte-americana naquele país da América Central não será reduzida, apesar das reivindicações em contrário, inclusive pela URSS, depois que esta decidiu, unilateralmente, romper os laços militares com Cuba. As razões do imperialismo lanque não são desconhecidas, basta lembrar a guerrilha dos *contras* nicaraguenses, sustentados pelos EUA a partir de Honduras.

## Central eletronuclear cubana em construção

As obras da Central Eletronuclear de Cuba ganharam considerável impulso com a conclusão da primeira parte do seu primeiro reator. A central está localizada em Juraguá, Cienfuegos. A segurança da central é reconhecida por especialistas como o professor norte-americano Willian Vernetson, do departamento de energia atômica da Universidade da Flórida.

## Cultura e Esportes

A Assembléia Legislativa do Acre aprovou o projeto de lei, de autoria do deputado Sérgio Taboada, do PCdoB, que dispõe sobre incentivos fiscais na realização de projetos culturais e desportivos.

De acordo com a lei, serão beneficiados os projetos em que participem 70% de artistas e desportistas domiciliados no Estado há pelo menos seis meses.

## CPI

Golás é o segundo estado brasileiro com o maior número de mulheres esterilizadas. Por iniciativa da deputada Denise Carvalho, do PCdoB, foi instalada uma Comissão Parlamentar de Inquérito - CPI - que investiga a utilização política e eleitoral da esterilização e suas conseqüências sociais. Segundo a deputada Denise, que é presidente da CPI, os trabalhos serão concluídos até dezembro.

## Perseguição em Pernambuco

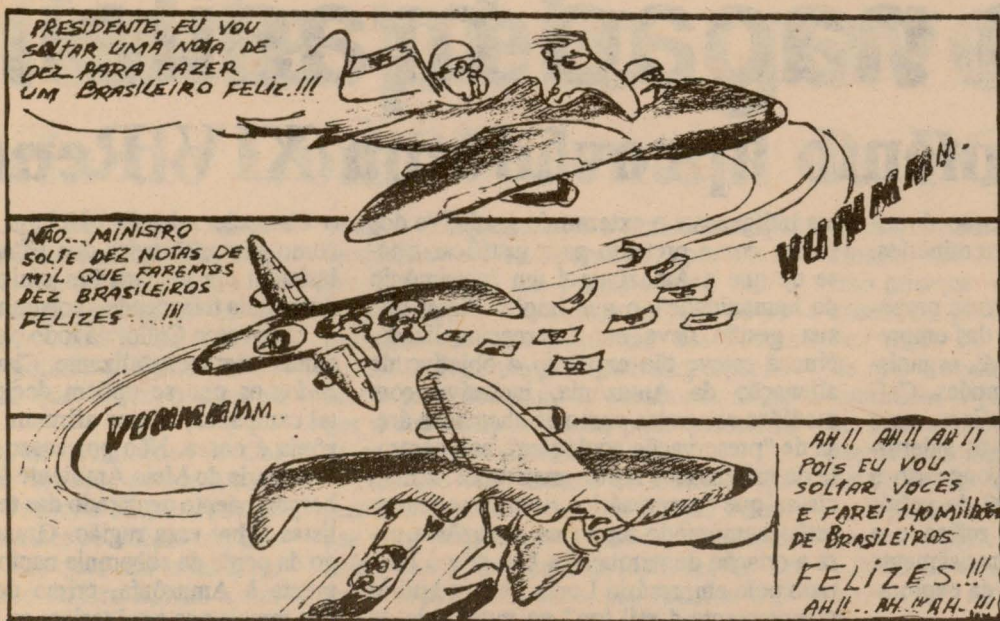
O presidente do Diretório Municipal do PCdoB em Serinhaem, Gilson Coelho, tem sido vítima de perseguição política por parte do prefeito José Luis Martins Canavello. Gilson é funcionário dos Correios e apolou a fundação do Sindicato dos Servidores Municipais e através de pressões do prefeito foi transferido. Renildo Calheiros, deputado federal, fez a denúncia na Câmara e solicitou ao presidente dos Correios o imediato retorno de Gilson.

## Greve geral contra o governo sul-africano

Cerca de 4 milhões de trabalhadores negros participaram da greve geral que paralisou por dois dias a África do Sul, em protesto contra a instituição de um novo imposto pelo governo racista. O tributo incide sobre transações comerciais e onera principalmente os bolsos dos pobres - no caso, os negros. O governo sul-africano agiu com brutalidade, assassinou 19 pessoas e deixou dezenas de feridos.

## EUA: governantes não são confiáveis

Uma pesquisa de opinião divulgada pelo *Washington Post* revela que a confiança do povo norte-americano em seus dirigentes caiu de 75% à época de Eisenhower (1952 a 1960) para apenas 36% na administração republicana de Gerald R. Ford. A pesquisa revela a dupla de recessão e drástica redução do padrão de vida da população.



## Collor leiloa o país

Num processo cheio de falcatruas, o governo vai colocando em prática seu projeto de entrega do patrimônio público brasileiro através da venda de empresas estatais estratégicas para o desenvolvimento da economia nacional. Depois da Usiminas foi a Celma que faz a manutenção de turbinas de aviões.

Dia 11 próximo será a vez da Mafersa, a terceira de um plano que prevê a venda de 27 estatais a curto prazo.

O leilão da Usiminas é bem ilustrativo. As chamadas moedas podres responderam por 84,1% da compra. Em moeda viva só entrou mesmo Cr\$ 83,5 mil, ou seja, 0,04% de cruzados novos. Os grandes beneficiados foram os grandes bancos e empresas multinacionais. Do total do preço de venda, US\$ 1,1, só os debêntures da Siderbrás representaram US\$ 500 milhões. Por trás de toda a negociação está a Nippon Steel japonesa que antes do leilão já detinha 13% do capital da empresa.

### Celma e Mafersa

O entreguismo desenfreado prosseguiu com o leilão da Celma, vendida por US\$ 93,7 milhões. O consórcio formado pela Andrade Gutierrez, Bancos Boa Vista e Safra e mais a General Electric dos Estados Unidos, adquiriram 73,9% do capital da empresa. Agora o capital estrangeiro passa a deter 23,3% do total e o que é mais grave, a manutenção das turbinas dos aviões da Força Aérea Brasileira passa a depender da boa vontade desses senhores.

A Mafersa tem 2600 operários e produz carros de metrô em aço inoxidável, vagões de carga, etc. O governo Sarney tentou em vão privatizá-la por US\$ 22 milhões. Agora o governo Collor diminui o valor para US\$ 18 milhões. O principal interessado é o grupo japonês Mitsui, terceira maior *trading* do Japão com um movimento de US\$ 100 bilhões por ano. É preciso dizer que a Mafersa apresentou um lu-

cro de Cr\$ 1,1 bilhão de janeiro a agosto desse ano e já não tem mais endividamento.

### Mobilizar mais

Apesar de estar causando grande indignação aos setores patrióticos e progressistas da nação, a mobilização de rua ainda tem sido pequena.

Em nada se justificam as vacilações de personalidades como Leonel Brizola que, de última hora resolveu cancelar o comício que estava previsto para o Rio de Janeiro e menos ainda as atitudes da "Polícia Militar de seu governo que reprimiu com a maior truculência as pessoas que em praça pública exerciam o seu legítimo direito de protesto contra a vergonhosa política do governo Collor", conforme registrou a Executiva Regional do PCdoB do Rio. Nesse grave momento é preciso decisão, ir às ruas e tentar barrar o leilão do país.

## Pernambuco defenderá o Bandepe

Nada menos que 98 agências e 15 postos de serviços do Bandepe, o Banco do Estado de Pernambuco, foram fechadas, resultando em 3 mil funcionários demitidos no maior ataque realizado pelo governador Joaquim Francisco, do PFL, ao patrimônio do povo pernambucano. Em resposta, foi realizado um ato público de protesto que mobilizou 10 mil pessoas no centro de Recife, incluindo bancários, sindicalistas militantes e representantes de partidos, entre os quais o PCdoB, que, inclusive com a presença de seu deputado federal, Renildo Calheiros, prestou solidariedade aos demitidos, denunciando a política entreguista e falsa de Joaquim Francisco.

Outros setores, como a OAB,

CUT e prefeitos de pequenas cidades onde o banco estava instalado, geralmente com apenas uma agência, como é o caso de Pedra, Buique e Custódia, uniram-se às populações das favelas Iraque e Chico Mendes, de Recife, para exigir do governo um tratamento mais sério em relação ao Bandepe.

A intervenção do Banco Central no Bandepe serviu para disfarçar as medidas, aliás amplamente conhecidas, de atrelamento do governo estadual aos planos neoliberais do governo Collor, onde os servidores sempre estarão esquecidos. Uma das causas da insolvência do banco estadual, prudentemente omitidas pelos que querem liquidá-lo, é constituída pelas grandes dívidas dos usineiros, diante

das quais o governo estadual mantém uma criminoso emissão.

Com tudo isto, ele procura legitimar as demissões e fechamento de agências. A diretoria interventora, por sua vez não parece disposta a cobrar ou ao menos pressionar os verdadeiros culpados pela falência do Bandepe. Nesta situação, cerca de 20% do pessoal de cada posto foram demitidos sem nenhum critério convincente, e se verifica agora algumas discriminações em desrespeito às decisões judiciais e descumprimento de acordo de trabalho, através da caça aos juizes classistas, delegados sindicais e mulheres que se destacaram na luta em favor do banco.

(da sucursal)

### CONGRESSO EM PAUTA

## Patentes para o atraso

Aldo Rebelo\*

Na última semana a Mesa Diretora da Câmara dos Deputados constituiu a Comissão Especial que apreciará projeto de Lei 824 do Executivo que trata sobre o código de propriedade industrial, ou seja, patentes.

O toque de avançar soou dos clarins das grandes potências industriais do planeta e os agentes Internos se põem em marcha: o relator da Comissão é o deputado Reynold Sthefanes (Bloco-PR), recalndo a presidência sobre o deputado Alberto Goldman (PMDB-SP). Nada melhor para os trustes Internacionais: um tradicional defensor das teses internacionalizantes na relatoria e um recém-convertido ao dogma da economia do mercado na presidência.



### Khol dá o recado

Em recente passagem pelo Brasil o chanceler alemão Helmut Khol aproveitou para dizer do que tratava em sua viagem: o Brasil deveria mudar a sua lei de patentes se quisesse obter algum gesto de boa vontade. Seguiu a mesma receita de Dan Quayle o vice norte-americano em visita ao nosso país.

A mudança na lei das patentes é uma bela receita de como prejudicar o Brasil e seu povo e facilitar às potências industriais a perpetuação de sua dominação sobre os países dependentes.

Aqui mesmo nesta coluna já denunciámos como o reconhecimento de patentes no setor de fármacos (matéria-prima dos remédios) pode atrasar e encarecer a produção de medicamentos em nosso país. Com direito ao reconhecimento de patentes, os laboratórios multinacionais desenvolveriam todas as suas pesquisas em seus países de origem e cobriam royalties insuportáveis para as chamadas nações do terceiro mundo.

### Agricultura sob controle

Não bastasse esse aspecto, a legislação sobre patentes proposta pelo governo federal por ordem do governo norte-americano líquida com o esforço nacional promovido no desenvolvimento de sementes para a agricultura.

Documento elaborado pela Genetic Resources Action International, traduzido e divulgado no Brasil pela Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa denuncia que "os agricultores se verão obrigados a pagar royalties por cada geração de espécies vegetais que comprem e reproduzam com fins produtivos. Os preços das 'prodíguas' sementes e raças patenteadas serão muito mais altos do que os das espécies tradicionais, e os agricultores e criadores não poderão, sob pena de ilegalidade, renovar suas espécies vegetais ou animais sem pagamento de royalties. Desse modo, a comunidade rural perderá sua última possibilidade de controle no primeiro escalão da cadeia alimentar e ficará sob total dependência das multinacionais".

### Indignação e resistência

Dos sindicatos de Químicos e Farmacêuticos, da Alanac (Laboratórios Nacionais) e Abifina (Associação das Indústrias Brasileiras de Química Fina), da comunidade científica e acadêmica; Instituto Agrônomo de Campinas - C. J. Rosseto; Instituto de Economia Agrícola - M.S. do Carmo; do ESALQ-USP - Milton Krieger, Beatriz de Paula Radomille, entre outras e outros, têm surgido denúncias e resistências aos crimes que os grandes países industrializados e o governo Collor querem perpetrar contra a sociedade e o povo brasileiro.

Ao aproximar-se o momento decisivo da batalha as correntes obscurantistas entram em verdadeiro estado de histeria. As grandes revistas (veja, em particular) e os jornais da imprensa conservadora fazem campanha aberta contra os interesses nacionais e populares, abrem suas páginas e editoriais para a propaganda aberta dos trustes e de seus asseclas no país.

As forças progressistas têm que se mobilizar, convocar as forças vivas da sociedade a resistir, denunciar e derrotar a ofensiva conjugada das potências industriais, de suas empresas e do governo Collor!

\* Deputado Federal pelo PCdoB-SP

# Em defesa da nação brasileira

## Documento aprovado na XIV Reunião

O Comitê Central do PCdoB, ao discutir a situação nacional, constata que o país vive em permanente crise de governo que se vai convertendo em crise de poder. O Partido Comunista do Brasil alerta o povo brasileiro para a gravidade do momento. São sérios os atentados à soberania nacional, como igualmente a trama de setores das classes dominantes visando restringir o regime democrático, instituído na Constituição de 88, apesar de suas limitações.

**1.** Desde que assumiu a Presidência da República, Fernando Collor tenta impor ao país seu projeto antinacional e antipopular, pretendidamente neoliberal e de internacionalização da economia. Em consequência, cresceram as dificuldades internas. Aprofunda-se a recessão, com o desemprego em massa. Prosseguem, sem freios, a inflação, o arrocho salarial, a carestia de vida.

É dramático o quadro social do país, onde a violência urbana, a prostituição de menores, o amontoado humano sem-teto, vivendo debaixo das pontes e viadutos constitui o lado cruel da nossa realidade. Pioram os serviços de saúde, educação, habitação, causando pesados danos à população empobrecida.

Ao mesmo tempo, generaliza-se a corrupção nas esferas governamentais e acentua-se o clima de terrorismo político e social por todo o país. E o mais grave: sob o pretexto de modernização, Collor atenta contra elementos essenciais da existência do Brasil como nação soberana.

**2.** Com a cumplicidade do Planalto, faz-se sistemática propaganda solapando as bases do Estado Nacional. Diz-se que o Estado precisa livrar-se de muitos encargos a fim de se tornar mais leve e eficiente. Estaria assumindo desnecessariamente atividades que poderiam ser desempenhadas pelo setor privado etc.

O que se pretende, no entanto, é tirar funções do Estado relacionadas com o desenvolvimento do país e com o fortalecimento da soberania nacional e transformá-lo num simples aparelho administrativo de tipo colonial destinado tão-somente a gerir os serviços públicos, além de coletor de impostos e repressor policial dos movimentos sociais e progressistas.

**3.** Observa-se também campanha suspeita contra os militares que, até passado recente, eram endeusados pelas classes dominantes. Uma propaganda insidiosa tenta demonstrar que as Forças Armadas já não têm papel importante a realizar. Seriam agora parasitárias e onerosas aos cofres públicos. Cortam-se verbas necessárias à manutenção das Três Armas e ao reforçamento da defesa nacional.

Sob pressão norte-americana são desativadas empresas que produzem meios de defesa, com tecnologia própria, ou permite-se que passem ao controle das multinacionais armamentistas. Desse modo, desarma-se a nação brasileira face a prováveis

agressões imperialistas visando ao domínio do território nacional rico em minérios.

**4.** Realiza-se também intensa propaganda em prol da privatização das empresas estatais, estimulada pelo FMI, organismo manipulado pelos Sete Grandes. Collor promove a venda da Usiminas, uma das mais importantes e lucrativas siderúrgicas do mundo. Propõe ao Congresso a mutilação do monopólio estatal do petróleo, retirando da Petrobrás o refino e o transporte de combustíveis, precisamente os ramos de maior rendimento da exploração petrolífera.

Outras grandes empresas estatais, construídas com o dinheiro do povo, constam da lista das que serão vendidas em leilão a preços irrisórios. Em geral, caem nas mãos dos grupos monopolistas da burguesia brasileira (testas-de-ferro do capital estrangeiro) e das multinacionais.

A par da política privatizadora, o governo adota medidas que liquidam a reserva de mercado para setores fundamentais do desenvolvimento do país, como da informática, e aceita exigências dos Estados Unidos quanto ao reconhecimento da propriedade intelectual de fórmulas farmacêuticas e outras, ou seja, o reconhecimento de patentes que atingem a indústria brasileira dos fármacos. Restringe, ainda, recursos ao programa nacional de domínio, com técnica própria, da energia nuclear.

**5.** Chama a atenção o menoscabo do governo em relação às Universidades que constituem o núcleo de formação de cientistas e técnicos qualificados. Reduzem-se continuamente as verbas destinadas às áreas de pesquisas. Mal pagos, os cientistas e professores renomados abandonam o país em busca de melhores condições de vida e de trabalho no campo da ciência.

As Universidades e os institutos de pesquisa científica e tecnológica estão em crises persistentes devido à falta de apoio oficial. É sintomático que Collor tenha colocado no Ministério da Educação José Goldemberg, partidário das teses desnacionalizantes do governo.

**6.** Adquire maior gravidade a campanha, no país e no exterior, em prol da internacionalização da Amazônia. Região das mais ricas do mundo em reservas minerais, desde há muito cobiçada pelos imperialistas, é o alvo da propaganda enganadora dos monopólios estrangeiros.

Aos norte-americanos, os principais interessados nessa empreitada, juntam-se os imperialistas franceses, alemães e outros. Propalam que as queimadas da floresta amazônica põem em risco o clima do planeta. Escondem, deliberadamente, que segundo estudos da própria NASA, o gás carbônico (CO<sub>2</sub>) produzido na terra, responsável pelo chamado efeito estufa, é de origem dos países do Primeiro Mundo, que respondem por mais de 50% desse efeito, contra 5% gerados no Brasil.

Utilizam a falta de demarcação das ter-

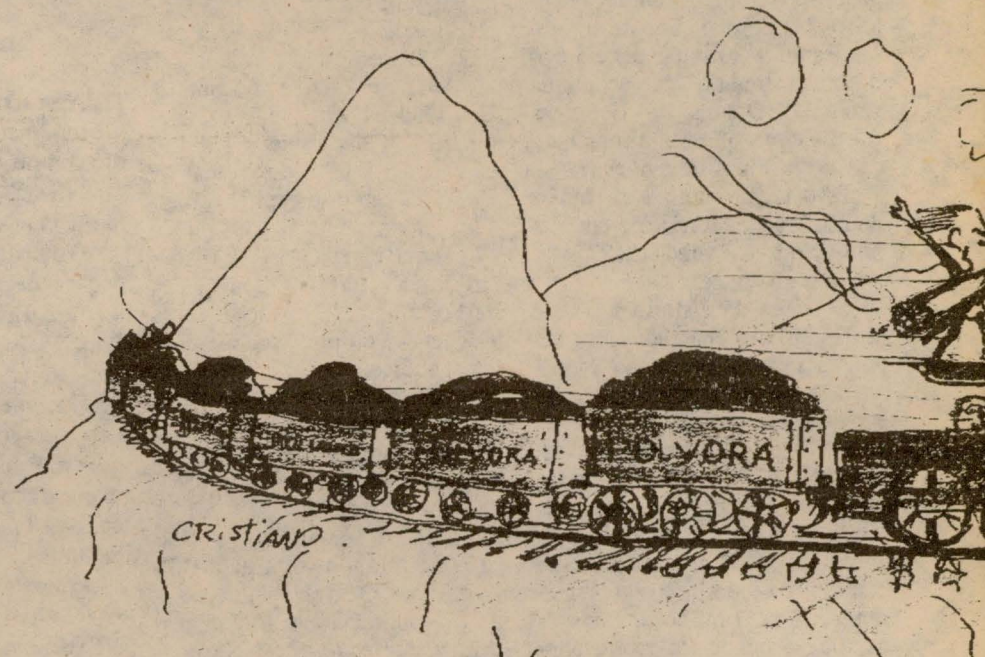
ras indígenas e o extermínio gradativo dos índios como pretexto para justificar a tese de que a Amazônia é um "patrimônio da humanidade", o que implica dizer que sua gestão deve ser internacionalizada. Nunca esteve tão explícito o objetivo de alienação da Amazônia, inclusive com medidas concretas como as chamadas áreas de "preservação ecológica", sob controle de milionários norte-americanos. Anuncia-se que "empresários norte-americanos estão comprando terras na Amazônia para a criação de parques(!). Um grupo liderado pelo empresário Loren Perry adquiriu recentemente 4 mil km<sup>2</sup> no município de Breves, no Pará" (*O Estado de São Paulo*), edição de 12.10.91.

Centenas de falsos religiosos norte-americanos atuam, sem controle, entre as tribos de índios. Conforme declarações ofi-

o chanceler alemão, Helmut Kohl, bem como personalidades dos Estados Unidos, insistem em declarações cínicas de que a Amazônia transcende à soberania brasileira.

O governo Collor dá todo o apoio à campanha internacionalizante. Chama de *atrasados* os que se opõem decididamente a tal campanha, os que afirmam que a Amazônia é nossa. Não por acaso, colocou na Secretaria do Meio Ambiente José Lutzemberger, adepto declarado das teses imperialistas sobre essa região. Grande é o perigo da perda da soberania nacional relativamente à Amazônia, crime de lesa-pátria que jamais nos perdoariam as gerações futuras.

**7.** Está em marcha um plano que atinge seriamente os fundamentos da nação brasileira. Esse plano entrosa-se com



ciais, são 900 os missionários religiosos, que usam, além da Bíblia, dólares para corromper os nativos e, aparelhos sofisticados para detectar minerais preciosos, contrabandeados através de dezenas de aeroportos clandestinos espalhados pela Amazônia. Mascaram suas reais pretensões com a suposta defesa dos povos indígenas, os quais muitas vezes são utilizados em trabalho semi-escravo e descaracterizados culturalmente.

Devido a isso, as organizações de índios (não as que cuidam de índios) têm hoje sérias restrições ao trabalho dito pastoral. A demarcação das terras indígenas é uma necessidade para a sobrevivência e o desenvolvimento dos povos da floresta. Mas não se pode concordar com a ideia de que as reservas indígenas se transformem em enclaves, fora do controle do Estado brasileiro. Enquanto isso, o presidente francês, François Mitterrand, e, agora,

a estratégia mundial do imperialismo, sobretudo o norte-americano. Propugnando uma "nova ordem", os imperialistas tentam liquidar as barreiras nacionais dos países do chamado Terceiro Mundo, a fim de apossar-se de suas riquezas, controlar totalmente suas economias e estender o domínio da oligarquia financeira a territórios alheios.

Atacam elementos essenciais da organização da nação, como o Estado Nacional, o Exército Nacional, o desenvolvimento econômico independente, os centros avançados da cultura e do conhecimento científico. Projetam desarmar qualquer resistência a uma possível agressão imperialista à subordinação aos oligopólios internacionais.

Bush quer acabar com o Exército do Brasil, o Exército organizado e organizado. De acordo com os preceitos da "nova ordem", somente

CDM  
Fundação Maurício Grabois

# aviltada pelo governo Collor

## Plenária do Comitê Central do PCdoB

os países ricos - que não passam de sete - têm direito ao fortalecimento de suas nações, de seus Estados, de suas Forças Armadas cada vez mais poderosas. Os demais países são meros coadjuvantes no terreno econômico, político e militar da oligarquia financeira que busca o domínio mundial.

Em que pese as declarações de Collor, pretensamente voltadas para a integração do Brasil no Primeiro Mundo, sua política tem nítido caráter de traição aos interesses nacionais. Ele quer não a modernização e o progresso do Brasil, mas a eterna dependência aos espoliadores das nações débeis. A política neoliberal traz graves conseqüências sociais. A fome, a miséria, o arrocho salarial resultam do atual modelo de "desenvolvimento" do país. Daí porque é importante combinar a luta

sista. A democratização e a modernização desse Estado é indispensável, com alteração substancial das forças sociais que o conformam. Sob o mesmo prisma os comunistas encaram a questão das Forças Armadas. Nenhum país soberano, especialmente na época atual de constantes ameaças a sua independência, pode prescindir de organização armada eficiente.

Não nos enfileiramos ao lado dos que fazem campanha contra as Forças Armadas com propósitos claramente antinacionais. Temos presente as declarações do ex-secretário de Defesa dos Estados Unidos. McNamara, pregando a extinção dos Exércitos dos países do Terceiro Mundo, com o objetivo evidente de facilitar intervenções imperialistas nesses países. Somos partidários do fortalecimento dos instrumentos de defesa de nossas fronteiras, em especial na região amazônica, contra agressões inimigas. Simultaneamente condenamos, como todo o povo, as atividades antidemocráticas, ferozmente repressivas, contra os opositores da ditadura, realizadas durante largo período pelas Três Armas. Defendemos a democratização conseqüente das Forças Armadas, posição que adotamos na Assembléia Constituinte. Não cabe às Forças Armadas intervir na manutenção da ordem interna, sua função precípua é a defesa do país contra agressões externas.

No terreno econômico, postulamos a defesa das empresas estatais de significado estratégico. A política privatizante de Collor muda o sentido do desenvolvimento do país. Passa a predominar a chamada internacionalização da economia, ou seja, a produção daquilo que interessa aos monopólios internacionais, um tipo de desenvolvimento subordinado, complementar da economia dos países ricos. Convém assinalar que a privatização de empresas como a Usiminas, a Embraer, a Mafersa e outras envolve questões não apenas econômicas, afeta a produção de meios de defesa do Brasil.

Todavia, discordamos dos métodos viciados de administração de tais empresas por parte de governos reacionários, que se mostram incapazes de administrá-las democraticamente e colocá-las por inteiro a serviço dos interesses nacionais.

**9.** Cresce em todo o país a oposição a essa política antinacional e antipovo. Setores cada vez mais amplos da população organizam-se e contestam a desastrosa orientação governamental. As ações tomam formas as mais diversas - luta em defesa das estatais, do patrimônio nacional, contra a internacionalização da Amazônia. Avoluma-se o movimento contrário ao arrocho salarial, à recessão e ao desemprego, à demissão de funcionários públicos, à liquidação de conquistas sociais.

Aumenta a resistência ao Emendão que retira da Carta de 88 dispositivos de cunho nacional e progressista.

**10.** O fracasso da política econômico-financeira de Collor, sua incapacida-

de administrativa, seus propósitos antinacionais, sua falta de base política - tudo isso provoca o aparecimento de repetidas crises de governo. Collor isola-se cada vez mais. A nação toma conhecimento de que o atual estado de coisas não pode continuar. O país encontra-se num impasse. E esse impasse, ao que tudo indica, somente será rompido com o afastamento de Collor do cargo que ocupa.

É por essa razão que começam a ecoar por toda a parte *slogans* como *Fora Collor! - Basta de Collor! - Ou o Brasil, ou Collor!* O fato de ter sido eleito por votação direta para a Presidência da República não lhe dá poderes de vender o patrimônio nacional e de afundar o país na degradação econômica, social e política.

São tantos os desatinos e, mesmo, os crimes cometidos contra os interesses fundamentais da nação, que o seu afastamento do cargo torna-se uma necessidade. E essa necessidade vai ganhando a opinião pública.

Impõe-se a mais ampla mobilização popular, o esforço conjugado de todas as correntes e movimentos democráticos, patrióticos e populares, a fim de tornar realidade de essa aspiração da grande maioria do povo.

**11.** Face a possibilidade da ocorrência de uma crise política mais grave, crise institucional, envolvendo a questão do poder, as classes dominantes preparam-se para resolver o assunto à sua maneira. Buscam a saída da crise pela *direita*.

Alguns setores políticos propugnam o parlamentarismo como forma imediata ou mediata de governo. Pensam introduzi-lo formalmente ou informalmente, adaptado às circunstâncias. Com ou sem Collor. Defendem a adoção do voto distrital ou distrital misto.

Tal sistema de votação, contrário à tradição e à realidade brasileira, tem caráter reacionário e excludente, golpeia fundo a democracia representativa. Torna praticamente inviável a presença dos chamados pequenos partidos e, mesmo, de partidos de nível médio nos órgãos legislativos. A composição social e política do Congresso, das Assembléias Legislativas e das Câmaras Municipais sofrerá graves alterações em favor das forças conservadoras e reacionárias.

Um dos intentos, com esse sistema de votação, é reduzir a três ou cinco os partidos políticos em atuação nos parlamentos de diversos níveis. Exatamente como na época da ditadura militar. Ninguém pode afirmar, tendo em vista a experiência, que a redução dos partidos políticos tenha sido benéfica à democracia. Os anos de autoritarismo, com dois partidos - ARENA e MDB - e depois com cinco, criaram sérios obstáculos ao progresso social.

A instituição do parlamentarismo, como forma mais flexível de governo, exige antes de tudo a reforma democrática do Congresso, o que significa garantir a ascensão de forças sociais, que constituem a maioria da população, aos órgãos representativos, bem como assegurar a presen-

ça nesses órgãos de todas as correntes políticas existentes no país.

Defendemos o voto proporcional, estabelecido na Carta de 88. É mais democrático, mais abrangente, permite que, nas eleições, se leve em conta as correntes eventualmente minoritárias, tomando por base o conjunto do eleitorado.

Reclamamos, ao mesmo tempo, que se democratize a legislação eleitoral vigente, retirando, entre outros aspectos, os votos em branco do cômputo geral que determina o quociente eleitoral. Tal como é hoje, prejudica os partidos menores, favorece injustamente os grandes partidos conservadores, do *centro* e da *direita*.

**12.** O PCdoB é de opinião que a crise que o país atravessa reclama prementes soluções de caráter democrático, patriótico e progressista. Não será por procedimentos restritivos à participação popular, como desejam as classes dominantes, que se resolverá a situação difícil que enfrentamos. A pretendida saída pela *direita* somente agravaria o atual estado de coisas.

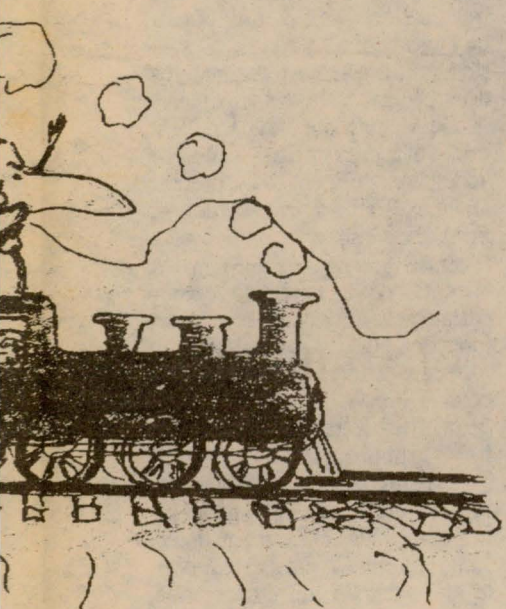
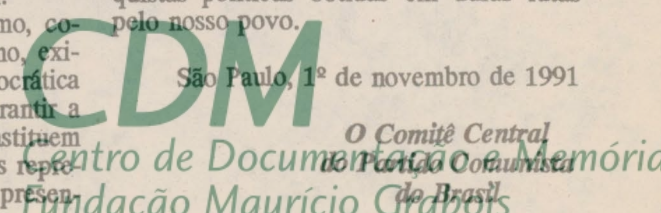
Torna-se imprescindível a formulação de um projeto alternativo à política neoliberal e de internacionalização da economia. Um projeto em torno do qual se agrupem as mais amplas forças sociais e políticas para dar nova e correta perspectiva ao país. Em qualquer circunstância, dentro do quadro da evolução política nacional, os comunistas lutarão pela vigência do regime democrático e de cunho popular.

**13.** Na emergência de uma crise que determine o afastamento de Collor do governo - hoje exigência da maioria da população - o PCdoB considera que se deveria proceder à eleição imediata de um novo presidente da República, numa campanha eleitoral menos competitiva e mais afirmativa da defesa dos interesses nacionais, do desenvolvimento independente do país, da solução da crise social, do respeito à democracia representativa. Ao povo compete escolher quem deve dirigir o Brasil.

**14.** O Partido Comunista do Brasil conclama os trabalhadores, as grandes massas populares, todos os setores progressistas da sociedade, os partidos democráticos, as organizações populares, as entidades cívicas a promover amplo movimento em defesa dos interesses fundamentais da nação contra o governo de Collor. Chama o povo brasileiro a se opor decididamente à saída pela *direita* apregoada por setores das classes conservadoras.

É preciso repudiar energicamente a instituição do voto distrital ou distrital misto, grosseiro atentado à democracia e às conquistas políticas obtidas em duras lutas pelo nosso povo.

São Paulo, 1º de novembro de 1991



nacional com a luta democrática e social, em defesa dos interesses das massas populares.

**8.** Ao defender o Estado Nacional, as Forças Armadas Nacionais, as empresas estatais de teor estratégico, a Universidade brasileira - os comunistas do PCdoB assinalam ao mesmo tempo os aspectos negativos e reacionários das atuais instituições que presidem a vida do país, e que necessitam de profundas mudanças. Não desejamos o definhamento do Estado Nacional ou das Forças Armadas enquanto órgãos imprescindíveis à existência da nação soberana. Sem Estado Nacional, sem Exército Nacional não há nação soberana.

Consideramos, porém, que o atual Estado brasileiro é antiquado. A serviço da grande burguesia, dos latifundiários, dos banqueiros e do capital forâneo, impede o avanço da sociedade num rumo progres-

# São Bernardo em estado de alerta

SARA SELES

Quando Collor de Mello assumiu o governo, São Bernardo do Campo empregava 150 mil trabalhadores na indústria metalúrgica. Depois de um ano e alguns meses de comprovada incompetência governamental, o município mais produtivo do país reduziu vertiginosamente o nível de emprego, dispondo hoje de apenas 124 mil vagas para toda a categoria.

Com os salários arrojados, corroídos pela inflação galopante, o pólo industrial mais desenvolvido e dinâmico do país vive e chora o descaso do governo. Insegurança, demissões em massa vislumbrando em todos os setores, polícia invadindo fábrica e espancando trabalhadores em seus locais de trabalho, esse é o atual quadro e o resultado das inconseqüências do governo nesses últimos meses.

## Brastemp

Dia 11 de outubro, os funcionários da pré-comissão de fábrica da Brastemp reuniram-se com a diretoria da empresa. Questionaram se a Brastemp iria demitir em massa. Os representantes da empresa descartaram a possibilidade das demissões naquele momento. Dia 15 do mesmo mês porém, 1.095 funcionários foram demitidos. Inconformado com a situação, Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, sentindo-se impotente chorou e fez greve de fome durante quatro dias, objetivando reverter as 1.557 demissões anunciadas.

Para que Vicentinho passasse a greve de fome, a Brastemp mais uma vez mentiu aos trabalhadores e prometeu cancelar as demissões, caso Vicentinho terminasse a greve de fome. Depois não cumpriu o acordo, claro.

Para Vicentinho, só existe um jeito de reverter a situação. "Queremos que o Brasil inteiro participe dos movimentos contra as de-



Januário Silva

missões, contra a crise, pela cidadania do nosso povo. É por essa razão que estamos realizando vários atos, desde a invasão da Brastemp, a greve de fome. Já fizemos passeatas, vigílias enfim, o que nós queremos é envolver toda a sociedade. O ideal seria que todos se mobilizassem e fossem às ruas levar seu apoio e protesto", conclui.

## Terrorismo policial

O inocente Jailson Araujo da Silva (Pardal), 19 anos, da Bahia e primeiro emprego, afirma: "até agora não entendi o que aconteceu aquele dia. Eu desci do ônibus quando retornava do almoço e quando percebi, tudo havia começado".

Sebastião da Silva, 35 anos, carioca, ferramenteiro, estava trabalhando no momento da invasão. Um dos mais castigados pela fúria policial a serviço da empresa, segundo declarou, está com o joelho fraturado, as 4ª e 5ª vérte-

bras da coluna cervical machucadas e o pescoço praticamente imóvel. Detido pelo capitão PM do Pelotão de Choque, José Maria, Sebastião chegou a temer por sua vida e pela vida de seu companheiro Antonio, de 20 anos. Levados para dentro da fábrica por dois policiais e com a chegada da imprensa e das autoridades, o capitão pediu aos policiais que lhe entregassem os dois. Nesse momento um policial confidenciou ao outro: "é camarada, eles quebraram nosso esquema". Sebastião questiona: "por que eles falaram daquele jeito para meu amigo? Por que falaram quebraram nosso esquema? Será que o DOICODI está de volta? Será que esse período de terror vai voltar"? Sebastião acha que sim.

## Intuição

Albino Otaviano Mariano, o Caju, sete anos de Brastemp, da pré-comissão de fábrica, afirma que já sabia e avisava aos compa-

nheiros sobre as demissões. "Companheiros, parem as horas extras. Alguns, na tentativa de agradar a chefia e aumentar seus rendimentos mensais, trabalhavam em média de 15 a 16 horas por dia. Não adiantou avisar. Hoje o resultado está aí", constata Caju.

Para Gonçalo Valdivino Pereira, diretor de Base do Sindicato e funcionário da Brastemp, demitido apesar da estabilidade garantida por lei, a empresa alega dificuldades de um lado, e de outro faz investimentos de milhões de dólares. Como no caso da compra da multinacional argentina Philips. Para Gonçalo essas demissões em massa já fazem parte da prática da empresa. "Em 1988 houve demissões, em 1990 perto de 1.500 trabalhadores foram demitidos e agora, em 1991 novamente o operário é sacrificado", desabafa o sindicalista.

## Mais demissões

Mais empresas estão progra-

mando demissões em massa. A Cofap de Santo André pretende demitir 450 funcionários; a Bombril está divulgando que demitirá mais de mil trabalhadores até o final do ano; a Confarja, a Villares e a Volkswagen também fazem insinuações a esse respeito. O próprio Mário Amato, presidente da Fiesp, um dos sócios da Metalfrío juntamente com a Continental 2001, fazem a mesma ameaça.

Por todas essas ameaças e chantagens, Vicentinho alerta: "a situação é muito grave. Os trabalhadores devem resistir de qualquer maneira, de qualquer forma, a qualquer momento". Os empresários reclamam da situação econômica do país, entretanto, o DIEESE elaborou um estudo detalhado da situação da Mercedes-Benz do Brasil onde ficaram constatados os ganhos reais na empresa. Segundo o informativo sócio-econômico *Trocando em miúdos*, estima-se para esse ano que cada trabalhador dê 98,1 mil dólares de lucro para a Mercedes. O salário médio anual dos trabalhadores, no entanto, será de seis mil dólares.

De viagem marcada aos Estados Unidos, no próximo dia 14, acompanhado pelo vice-prefeito Djalma Bom, o trabalhador da Ford, Eugênio e o ex-deputado federal Plínio de Arruda Sampaio, Vicentinho vai se reunir com o parlamento americano, com os setores de oposição, pessoas do clero, trabalhadores de sindicatos e com a direção da empresa, com o objetivo de tentar, de todas as formas, impedir o fechamento da Ford, para março do ano que vem. "Caso a Ford realmente mude, serão demitidos 900 trabalhadores. Isso teria uma consequência direta em quase 25 mil empregados, porque além dos trabalhadores diretos, existem os fornecedores, as empresas de autopeças, revendedores e seus familiares, finaliza Vicentinho.

## Apoios

Muitos foram os apoios recebidos durante e depois das manifestações contra a Brastemp. Compareceram à porta da fábrica para se solidarizar com os trabalhadores entre outros, o presidente nacional do PT, Lula, Luiza Erundina, prefeita da capital e Djalma Bom, prefeito em exercício de São Bernardo do Campo.

O desemprego em massa, causado pela recessão econômica, está levando os trabalhadores a uma situação de total desespero, fazendo-os muitas vezes, disputar, palmo a palmo, uma moradia provisória embaixo de pontes e viadutos. Esse estado de miséria, vergonha e desconforto não pode continuar impingido ao trabalhador, como cidadão, merece uma vida justa e digna.





# Vitória da CUT/CSC em São Paulo

A chapa única da CUT, encabeçada por Edivaldo Santiago, venceu a disputa eleitoral pela direção do Sindicato dos Condutores de Veículos de São Paulo por 65,7% dos votos válidos, quase 10 mil votos de frente.

A eleição transcorreu de 22 a 25 de outubro passado em clima tenso, numa disputa entre a CUT e a Força Sindical.

A chapa 1, da CUT, foi formada a partir do processo de convenções por local de trabalho e por regiões. Ao todo foram 31 mil trabalhadores que votaram diretamente para a escolha de seus candidatos nas garagens e 3.436 que participaram da convenção final. A unidade da CUT foi firmada com a participação na chapa das diversas forças políticas que atuam na categoria (CUT pela Base, Corrente Classista, Articulação, Convergência Socialista e Unidade Sindical), proporcionalmente ao número de votos obtidos nas convenções.

A Corrente Classista tem seu trabalho sindical mais consolidado na CMTC - Companhia Municipal de Transportes Coletivos. Os trabalhadores dessa empresa representam 48,5% do total de sócios do sindicato, e estão distribuídos em 15 unidades, espalhadas pelos quatro cantos da cidade de S. Paulo. A CSC conquistou a representação de seis companheiros na chapa: Gregório Antonio Poço, José Batista de Paula (Lua), Valter S. Oliveira (Valtão), Osvaldo F. Ramos (Juruna), Marco Antonio Alves (Marcão) e Aparecido Donizete Siviero (Alemão). A secretaria geral será ocupada por Gregório Antonio Poço.

## Gangsterismo da força sindical

A chapa da Força Sindical encabeçada pelo ex-funcionário da CMTC conhecido como Bruce Lee, demitido da empresa por falsificação de documentos, contratou mais de 100 capoeiristas que serviram como "bate-paus" em ações que resultaram em várias tentativas de invasão da Quadra dos Bancários, local de guarda das urnas; no ataque de duas bombas de fabricação caseira no local, com a intenção de provocar pânico e tumulto; e na investida à mão armada contra trabalhadores da categoria candidatos e mesários da chapa da CUT, que sofreram vários ferimentos, sendo quatro casos graves.

Tudo regado a um verdadeiro derrame de dinheiro. Segundo afirmações de assessores da



Convenção de escolha da chapa da CUT

chapa da Força Sindical, eles possuíam em torno de 500 milhões de cruzeiros para arrancar o Sindicato dos Condutores das mãos da CUT.

O dinheiro foi financiado por Luis Antonio de Medeiros e pelas ligações de Bruce Lee com o Ministro Magri. Há denúncia no Ministério Público, feita pelo advogado Celso Fiorillo, de uma negociata envolvendo a chapa da Força Sindical; o INSS de S. Paulo, cujo superintendente é Roberto Santiago, ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Asseio e Conservação no Estado; e o dono da empresa Tramontina, usada para "lavar a grana" do INSS.

## Vitória esmagadora

Segundo Gregório Antonio Poço, "a Força Sindical utilizou todos os métodos do gangsterismo para ludibriar os condutores. Durante o período de campanha vários trabalhadores foram procurados por Bruce Lee para, em troca de alguns milhares de cruzeiros, passarem a apoiar a sua chapa". "Os condutores de S. Paulo, diz Gregório, são uma categoria sofrida e de tradição de luta. Nosso contato estreito com os demais trabalhadores da cidade nos dá uma condição especial na formação da opinião pública e Collor e Medeiros sabem disso".

Osvaldo Francisco Ramos, Juruna, diretor na chapa eleita, afirma que "a condição fundamental para a vitória esmagadora da chapa da CUT foi a forte organização dos trabalhadores por garagem". "Nestes últimos anos o sin-

dicato destacou-se na organização de Comissões de Garagens e no acompanhamento das CIPA's. Nosso trabalho na CMTC, continua Juruna, também deve ser ressaltado. Pois a Corrente possui inúmeros camaradas como dirigentes e componentes das Comissões de Garagens, elegemos por duas vezes consecuti-

vas o diretor representante dos funcionários e a nossa participação na CIPA tem jogado um papel fundamental na conscientização dos trabalhadores da categoria".

## Programa avançado

Sem dúvida, o Sindicato dos Condutores de Veículos de S.

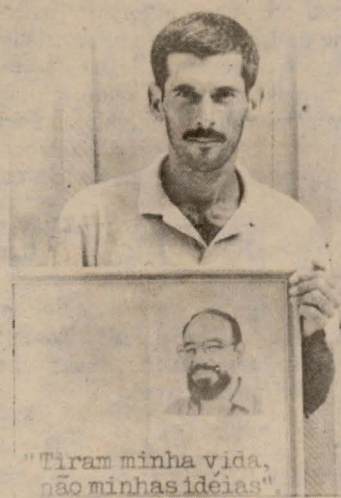
# Rio Maria combate por justiça

"A luta continua em Rio Maria. Apesar dos assassinatos e das chantagens praticadas pelos dirigentes da UDR não vamos amolecer." As palavras são de Carlos Cabral Pereira, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Maria e dirigente do PCdoB na cidade parense, que nos últimos anos foi palco do assassinato de várias lideranças sindicais e políticas por pistoleiros a soldo do latifúndio.

Cabral Pereira denunciou a carência de segurança para os trabalhadores e lideranças que vivem e atuam no município, "apesar das repetidas solicitações que fizemos à Polícia Federal, em função das ameaças de morte, atentados que sofremos - e eu fui inclusive baleado - e os assassinatos de companheiros que lutam em torno das reivindicações dos trabalhadores, como os membros da família Canuto, Expedito Soares, poeta e sindicalista, e o advogado Paulo Fontelles."

"Eu mesmo", conta, "continuo ameaçado de morte e, muito embora tenha permanecido com segurança, colocada pela Polícia Federal, durante alguns dias, hoje já não conto mais com isto, tenho de me virar sozinho. Já sofri um atentado há alguns meses e continuo jurado de morte."

Mesmo com nítida consciência de que a morte "pode estar à espreita na próxima encruzilhada", ele garante que não abandonará a luta.



"Continuaremos pressionando em favor dos interesses dos trabalhadores. Já conseguimos a desapropriação de duas áreas para assentamento de posseiros, uma com 24 mil hectares, outra com 19 mil hectares, assim como 240 quilômetros de estradas e escolas para os filhos dos lavradores."

Acrescentou, ainda, a luta "contra o trabalho escravo na região, e conseguimos acabar com isto recentemente nas fazendas Bigvale, São Carlos e Califórnia", assim como pela ampliação das bases sindicais. "Criamos seis novas delegacias sindicais e seis comissões, alugamos um telefone para a região, compramos um mimeógrafo e construímos

Paulo tem conseguido armazenar um arsenal razoável de lutas e vitórias! A última greve da categoria em maio passado, constitui um exemplo. Durou seis dias e foi a maior de toda a sua história. A direção sindical manteve autonomia e independência frente à administração da Prefeitura Erundina e soube enfrentá-la nos momentos críticos em que as propostas da prefeitura prejudicavam os condutores.

A diretoria eleita será responsável a partir de 12 de dezembro, pela implementação de um programa de trabalho avançado que além da luta salarial, pela redução da jornada e melhores condições de trabalho, dá destaque para a luta contra a política neoliberal do governo Collor de privatização e sucateamento do parque industrial nacional. Dá destaque, ainda, para as propostas de organização na base, sindicalização, para a formação e a imprensa sindical.

Na opinião de Gregório, "a Corrente Classista terá papel fundamental na realização desse programa, passando a destacar-se ainda mais na correlação de forças no cenário sindical do Estado".

(Fernanda Rodrigues)  
Colaboradora da Classe

um alojamento. Tudo isto tem muito valor para nós", ressalta, "principalmente levando em conta que o latifúndio quer acabar com toda resistência dos trabalhadores rurais."

Há poucos dias, os músicos e compositores populares, Geraldo Azevedo e Xangai realizaram, em Belém, um show em solidariedade à luta dos trabalhadores rurais, ao qual compareceram cerca de 2 mil pessoas. Porém, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Maria alerta que "também os latifundiários, através da UDR, estão se mexendo. Eles realizaram recentemente vários leilões para arrecadar dinheiro com a finalidade de pagar pistoleiros para intimidar e assassinar as lideranças sindicais. E também continuam agindo junto à polícia da região para deixar impunes os assassinos que contratam."

Praticamente todos os pistoleiros e mandantes envolvidos nos assassinatos ocorridos na região estão liberados. "Alguns foram presos, mas foram soltos graças à articulação da UDR. É esse o caso dos pistoleiros Paulo César Pereira da Silva, 'Zé da Bomba', assim como do mandante do assassinato de Expedito, o fazendeiro José Alves do Amorim, liberado dia 19 de setembro." O sindicalista faz um apelo a "uma união maior entre todos os trabalhadores do campo e da cidade para a luta contra os latifúndios e colocar fim às injustiças".

Glenn Carvalho

Sueli Dantes

## Palestinos obtêm vitórias na conferência em Madrid

Lejeune Mato Grosso\*

Sob clima de forte tensão política, debaixo da maior segurança organizada por um país europeu, teve início no último dia 30 de outubro, quarta-feira, em Madrid - Espanha, a Conferência Internacional de Paz Para o Oriente Médio.

A Conferência foi convocada pelos Estados Unidos e pela União Soviética. Dela participam representantes e delegações dos seguintes países e órgãos: EUA (James Baker), URSS (Bóris Pankin), ONU (Edward Brunner), CEE (Hans Van Den Broek), Magreb (países árabes do norte da África - Mahomed Amamon), CCG (Conselho de Cooperação do Golfo - Abdulla Blehara), Egito (Amir Moussa), Jordânia (Kamel Abu Jaber), Síria (Farouq Al-Shara), Palestinos (Haidar Abdel Shafi) e Israel (Yitzhak Shamir).

Pela primeira vez, desde que a ONU proclamou a criação do "Estado" de Israel, em 29 de novembro de 1947, nunca os judeus haviam se sentado diretamente à mesa com delegações representativas dos países árabes. Na verdade, de 1948 para cá, houve mesmo 5 guerras, todas de Israel contra seus vizinhos e na sua maioria, resultando em anexação territorial por parte do Estado sionista.

### A Pressão pela paz

Há tempos a bandeira de propaganda e a palavra de ordem da OLP em todo o mundo era a da convocação de uma Conferência Internacional de Paz para o Oriente Médio, sob os auspícios

da ONU, com a participação das duas grandes potências, EUA e URSS e dos países envolvidos e interessados na discussão. Essa Conferência nunca se realizou. Circunstancialmente, em 1973, sob o governo de Jimmy Carter, e quando era presidente do Egito Anuar El-Sadat, chegou-se a um acordo bilateral entre Israel e a República Árabe do Egito, quando foi assinado o acordo que ficou conhecido como de "Camp David", onde Israel se comprometia a devolver gradualmente ao Egito a península do Sinai, tomada dos árabes na guerra de 1967. Isso custou ao Egito a sua expulsão da Liga dos Estados Árabes, pois este acabou reconhecendo a existência de Israel, e custou a própria vida do seu presidente, que morreu em um atentado em 1979.

A opinião pública internacional, em que pesem erros e alguns equívocos políticos e militares cometidos por organizações abrigadas sob a frente política ampla que é a OLP, sempre se posicionou favoravelmente aos direitos inalienáveis do povo palestino, que vive na Palestina há pelo menos 7 mil anos. A OLP é reconhecida com o "status" de embaixada ou representação diplomática por mais de 110 países, enquanto Israel, por apenas 55. A própria guerra recente do Iraque contra o imperialismo e o sionismo, ainda que este país não tenha saído militarmente vitorioso, mobilizou e fez com que se apressasse a convocação de uma Conferência Interna-

# DEATH TO AMERICA.. DEATH TO ISRAEL..



Árabes manifestam-se contra o Imperialismo e o sionismo

cional de Paz para a região.

### A Conferência em Madrid

A Conferência evidentemente transcorre, até o momento, em clima de extrema tensão, desconfiança mútua, não reconhecimento de parte a parte, etc. Há um "miss en scène" tradicional em reuniões desse tipo, mas nesse caso em particular as acusações foram pesadas, chegando ao ponto do representante sírio, mostrar uma foto de Shamir, como sendo procurado em 1940, pelo exército inglês, como terrorista do grupo Irgune e Stern. Por sua vez Israel, contra-atacou afirmando que a Síria abriga os principais grupos guerrilheiros e terroristas em operação no mundo de hoje. No entanto, a Conferência prossegue, desta vez em forma de negociações bilaterais entre as delegações presentes.

### A pauta das negociações

Os palestinos, os mais afetados pela guerra e pela partilha da Palestina pela ONU, reivindicam, no essencial, a devolução por Israel dos seus territórios na Cisjordânia e faixa de Gaza; a criação de seu Estado Nacional autônomo nesses territórios; que Jerusalém tenha o "status" internacional; que a parte Oriental seja a sua capital e que se interrompa imediatamente o processo de colonização e o assentamento de judeus imigrantes de outros países, principalmente da URSS, nas suas terras.

Israel, por seu lado, reivindica que é preciso acertar um imediato cessar fogo pelas partes envolvidas, não abre mão de territórios, diz que as colônias continuarão sendo construídas, insiste no "Eretz Israel" ("Grande Israel, do Mediterrâneo ao Jordão) e quer o fim do boicote comercial dos países árabes que desde 1948, quando da proclamação

do Estado judeu, em 14 de maio, por Ben Gurion, nada vendem para Israel.

A Síria reivindica a volta das suas terras, nas Colinas do Golan, apropriadas por Israel na guerra de 67 e até hoje não devolvidas. A Jordânia insiste na devolução da Cisjordânia, também tomada nessa mesma guerra e o Líbano, desde as invasões de 78 e 82 por Israel, reivindica a devolução de uma extensa faixa denominada de "segurança" a qual o governo libanês não tem controle, mas sim o Exército do Sul do Líbano - ESL, de árabes cristãos e sionistas, financiados por Israel.

### Os resultados preliminares

É preciso deixar claro algumas questões:

1. A OLP está representada na delegação de 7 membros dos palestinos, entre eles Faisal Hussein e Hanan Asharawi, foram diretamente escolhidos por Arafat e pelo Conselho Nacional Palestino - CNP (espécie de parlamento no exílio), que reuniu-se em Argel entre 23 e 28 de setembro, fixando as diretrizes para a negociação e os nomes da delegação;

2. O desmembramento em meio à Conferência, da delegação jordano-palestina, em delegação palestina e delegação jordana e os palestinos passarem a negociar diretamente com os delegados israelense, foi, sem dúvida, um avanço;

3. O reconhecimento pelo governo israelense que as negociações de paz devem ter por base as resoluções de números 242 e 338 da ONU, que garantem os territórios árabes aos palestinos, também significou um avanço;

4. A declaração de Elhakim Rubenstein, delegado israelense, que Israel estaria disposto a reconhecer uma fronteira definitiva eliminada aos palestinos em seus

territórios, pode significar um passo adiante;

5. O isolamento político dos fundamentalistas islâmicos (como do Irã que "condenou" - sic - à morte os negociadores palestinos e da própria Síria) ficou claro na Conferência.

Todos esses fatos podem nos dar, seguramente, indícios que tem sido positiva a realização da Conferência, foi acertado a OLP decidir participar e é possível se chegar a algum acordo de paz, onde Israel ceda em relação aos territórios, tamanho é também o seu isolamento político na comunidade internacional.

### As perspectivas futuras

Não há como fugir dos seguintes cenários: 1º) construção de uma paz justa e duradoura na região, com a organização do Estado Palestino (ainda que por etapas - fala-se de 3 a 5 anos) ou 2º) fracasso das negociações com as perspectivas funestas da eclosão de uma nova guerra.

Os próprios EUA têm interesse em uma certa estabilidade política regional, pelos problemas que acumula internamente, pelos interesses estratégicos de tentar manter o controle do petróleo árabe e na preocupação com o grande isolamento a que estaria submetido perante a opinião pública internacional se outra fosse a sua posição.

Há uma unanimidade entre todos os analistas e jornalistas internacionais: a OLP sairá certamente vitoriosa com a sua estratégia de negociação e de marketing bem sucedido que foi montada. Os israelenses sabiam que poderiam virar réus na Conferência se não comessem a ceder nas questões das terras. O slogan que mais se fala hoje é "Trocar terras pela Paz". Não há outra saída.

## Ato de solidariedade ao povo palestino

No próximo dia 29 de novembro, sexta-feira, às 20h30, será realizada na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, uma sessão solene em homenagem ao Dia Internacional de Solidariedade ao Povo Palestino. Essa sessão foi proposta pelo deputado estadual Jamil Murad do PCdoB, com apoio de todos os outros líderes de partidos com representação parlamentar na Casa.

O requerimento que solicitou a sessão solene, tem embaçamento nas diretrizes fixadas pela ONU que fixa o dia 29 de novembro, como o Dia Internacional de Solidariedade ao Povo Palestino, ao mesmo tempo que se ampara na Lei Estadual nº 4.439, de 7 de dezembro de 1984, de autoria do ex-deputado comunista Benedito Cintra.

A organização do evento es-

tá a cargo do Comitê de Solidariedade ao Povo Palestino, sob a coordenação do engenheiro civil Emir Mourad.

O Comitê é integrado pelos partidos PT, PCdoB, PSB, pela CUT, pela UNE, UBES, UBM, Agen, ASEP e tantas outras entidades representativas dos segmentos da sociedade brasileira.

Espera-se que, com esse ato, cuja presença deve ser maciça, ocorra a mobilização das pessoas e sua conscientização para que a opinião pública brasileira possa dar a sua contribuição decisiva para que a Conferência Internacional de Paz sobre o Oriente Médio, que ocorre em Madrid, possa ter um desfecho favorável aos palestinos e a constituição de seu Estado Nacional, livre, laico, democrático e soberano.

# 8º Congresso avança

O 8º Congresso do PCdoB, que acontecerá de 3 a 8 de fevereiro de 1992, entra agora na reta final. Foram realizadas centenas de reuniões de organismos do partido, dezenas de debates abertos por todo o país. Em São Paulo, recentemente, foi promovido o seminário *Um Projeto Alternativo para o Brasil*, com a participação de centenas de pessoas, com debatedores de partidos políticos progressistas.

Ao lado da preparação política, o partido procura resolver também o grave problema financeiro. Aparecem materiais diversos para serem vendidos e também chegam contribuições dos Estados. Veja o demonstrativo.

## Materiais

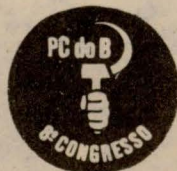
O tempo não pára, O Socialismo Vive!

8º CONGRESSO



SÃO PAULO - 1992

Adesivo para pastas, vidros, etc. (impresso anexo), 800,00 o cento. À disposição dos Estados mediante envio do cheque no valor total do pedido.



Bottons, 28.000,00 o cento

Camiseta - Impressão do slogan: O tempo não pára. O socialismo vive, 8º Congresso e PCdoB em preto. Desenho de menina (colorido) pintando a foice e o martelo em vermelho. 9.000,00 meia dúzia, a partir de 8/11/91.

Calendário/92 - aluminizado, 77x20 cm de largura, impressão apenas do slogan: O tempo não pára. O socialismo vive. Material para venda mais ampla. 12.000,00 a dúzia, a partir do dia 12/11/91.

1992

O TEMPO NÃO PÁRA, O SOCIALISMO VIVE

	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB	SUN
1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
10								
11								
12								

Cartaz, belíssimo material para finanças e divulgação junto às entidades de massas. 4 cores, 42x64 cm, foto de menina desenhando a foice e o martelo. 40.000,00 o cento, a partir do dia 12/11/91.



### Assine Princípios

Não se faz política com régua e compasso. É tarefa complexa com marchas e contra-marchas. Tanto no capitalismo como no socialismo as etapas são leis objetivas. Esta edição aborda as teses de capitalismo de Estado e de social-imperialismo. E estuda que tipo de partido político o proletariado necessita.



## Contribuições

**Goiás:** Francisco Casairo e Itamar Pires contribuíram com Cr\$ 1.000,00 cada; João Pires com Cr\$ 2.000,00.

**Minas Gerais:** Lavinia Rosa com Cr\$ 10.000,00; Vadil Rodrigues com Cr\$ 2.000,00; Lúcia Belezza com Cr\$ 7.000,00 e Miguel com Cr\$ 1.000,00.

**Pará:** Sebastião Filho com Cr\$ 10.000,00; Marcos Panzera com 3.000,00; Jorge Farias, José Dutra e Carlos Magno com Cr\$ 2.000,00; Eneida Casteli, Márcia Pinheiro e Eurico Albuquerque com Cr\$ 1.000,00 cada.

**Paraná:** Cristiano Paiva, Mariana Lopes, Aristeu Formiga, Edmundo Fontes, Adriano Gerônimo, Cristina Moreira, Geraldo Lima, Ana Lopes, Nilton Silva, Jorginho, Francisco do Vale, Geraldo Quirino, Zioelton Maia, Iran Nogueira, Carlos, Emílio, Lúcia Feitosa, Lúcia Andrade, Edson Fernandes, João Carlos, Geraldo Sá e Maria Lúcia com

Cr\$ 1.000,00 cada; José Silva e Vicente Maia com Cr\$ 5.000,00.

**Paraná:** Clarimundo dos Santos e Alexandre da Silva com Cr\$ 1.000,00 cada.

**Rio de Janeiro:** Enesio Santos (Cantagalo) com Cr\$ 5.000,00.

**São Paulo:** pessoa não identificada contribuiu com Cr\$ 10.000,00 e outra não identificada de Campinas com Cr\$ 12.000,00; Sônia Alves com Cr\$ 1.000,00.

**Acre:** João Branã, Leno Andrade com Cr\$ 500,00; Sebastião de Souza, Gérson de Albuquerque, Rosângela Castro, Mark Assen, Paulo Akel, Zimar Cândido, Sérgio Taboada, Sérgio Souza, Sônia Chaves, Valdomiro Andrade, Jean Moraes, João Souza, Sávio Maia, José Arzadum, Gina de Oliveira, Ana Azevedo e Jucleide (Juquinha) com Cr\$ 1.000,00 cada; Moisés Lucena com Cr\$ 1.500,00.

**Amazonas:** Vanessa Graziotinn, João Paulo, Sales, Levino, Calisto e Luis Olavo com Cr\$ 1.000,00 cada; Luciana Antony com Cr\$ 3.000,00; Selma Baçal com Cr\$ 3.361,00 e Eron Bezerra com Cr\$ 9.500,00.

**Bahia:** Loreta Valadares e Carlos Valadares com Cr\$ 10.000,00 cada.

**Ceará:** Abel Rodrigues, Aguinaldo de Aguiar, Aluísio Arruda, Ana Marques, Antonio de Araújo, Argentina Meneses, Carlos de Sousa, Fernando Borges, Francisco da Silva, Francisco Neto, Geraldo de Oliveira, Gilvan Paiva, Hugo Bezerra, Inácio Carvalho, Jacqueline Alencar, José Menezes, Luiz Paes, Luiz Osterne, Maria Pereira, Rita Silveira, Oswaldo Barroso com Cr\$ 1.000,00 cada; Carlos Pinheiro e Luiz Dantas com Cr\$ 2.000,00; Irineu Alencar e Luiz Carlos com Cr\$ 3.000,00; Benedito Bizerril, Edilson de Araújo e Inácio Arruda com Cr\$ 5.000,00 cada.

## TEORIA E PRÁTICA

# Perspectiva revolucionária

DYNÉAS AGUIAR\*



A maré montante da contra-revolução com sua poderosa campanha anti-socialista e anticomunista desencadeia todo um processo de redefinições no campo das forças de esquerda. O PCB está em adiantado processo de auto-extinção, seus dirigentes renegam publicamente a perspectiva socialista-proletária. A nave petista navega meio sem rumo e figuras destacadas desse partido afrontam os sentimentos dos trabalhadores defendendo abertamente postulados liberais-burgueses caíndo nos braços da social-democracia. Também das fileiras do PCdoB se desprendem alguns tráfugas que baldeiam do trem do partido revolucionário do proletariado para o da pequena burguesia.

São grupamentos e pessoas que, perplexas com as derrotas que a luta dos povos sofreu, só enxergam o lado negativo, perdem a confiança nas massas e terminam por abandonar o campo revolucionário.

### O tempo não pára

O debate político-ideológico sobre a morte ou não do socialismo e do marxismo-leninismo segue seu curso e vai ganhando novos contornos. Sinais de vida começam a pulsar na ex-União Soviética com a formação de grupos e partidos que se propõem a resgatar a experiência histórica vivida desde a revolução de outubro de 17. Nas últimas eleições realizadas na Polónia os comunistas, segundo a imprensa burguesa, tiveram significativa votação. Na Romênia, o governo acusou os comunistas de estarem à frente das manifestações dos mineiros.

O capitalismo que se julgava livre da luta da classe operária e das massas trabalhadoras contra a brutalidade de sua exploração começa a ser novamente abalado por grandes greves gerais, como as ocorridas na Itália e na França.

Embora não se trate ainda de uma contra-ofensiva das forças revolucionárias proletárias, são indicadores importantes de que a história não chegou ao fim.

No Brasil, jogado pelo governo Collor e pelas classes dominantes na mais profunda crise que já vivemos, eclodem greves envolvendo centenas de milhares de trabalhadores, cresce a oposição à onda de privatizações e até mesmo setores que sempre sustentaram a política antipopular do governo começam a fazer-lhe oposição. É a resistência operária, popular e de defesa da soberania nacional que vai se organizando.

### PCdoB no rumo certo

Nesse quadro de grande complexidade nosso partido vem demonstrando maturidade política e ideológica. O debate em torno dos temas do 8º Congresso - centenas de reuniões de organismos e de seminários abertos - nos dá o quadro real do partido. Existem opiniões diferenciadas e confronto de idéias, o que é natural num processo de elaboração coletiva. Se vozes isoladas apontam no rumo da negação de nossos princípios teóricos e programáticos, a imensa maioria dos militantes e dirigentes procura tirar dos acontecimentos que abalam o campo revolucionário ensinamentos para avançar na luta. E assim vai se forjando numa nova qualidade, uma maior unidade baseada na verdadeira crítica proletária que visa a superação do erro e não a negação primária da luta.

### Nada a perder

A burguesia e seus arautos tudo fazem para travestir o seu sistema de governo de organização social. As "virtudes" da sociedade de consumo que apregoam desmoronam-se frente a existência de 4/5 de habitantes da terra vivendo nas mais abjetas condições. A brutal concentração de renda ao nível mundial, fator objetivo do desenvolvimento do capitalismo, aponta para a maioria da humanidade sob esse sistema, um futuro de miséria e exploração. Abandonar o partido e o campo revolucionário nessas circunstâncias é sujeitar-se a ser mais um a serviço dos que tudo fazem para manter as massas submissas ao capitalismo e à burguesia.

Para não perder a perspectiva revolucionária é bom ter presentes as palavras de Marx e Engels no famoso *Manifesto* de 1848. Dizem eles que na luta contra a burguesia "os proletários nada têm a perder a não ser suas cadeias. Têm um mundo a ganhar".

**ESPECIAL**

**A fraqueza da burguesia no Leste**

UMBERTO MARTINS

"O século é grande. No espaço, um drama de treva e luz."

Castro Alves

Os últimos lances da transição ao capitalismo no Leste europeu revelam dramas certamente inesperados para as elites políticas que hoje dominam a região. A "travessia" à economia de mercado transformou-se num grande pesadelo. As falsas esperanças depositadas no capitalismo desaparecem, e rapidamente cedem lugar à indiferença, à indignação social e a protestos generalizados. A burguesia tomou o poder mas parece extremamente frágil para sustentá-los; a realização do seu projeto esbarra em dificuldades que podem se mostrar intransponíveis. Alguns episódios recentes ilustram bem tal situação.

Se as eleições são um termômetro confiável da consciência popular, as que foram realizadas por esses dias para a renovação do Parlamento da Polônia não deixam margem a muitas dúvidas. Elas ressaltam, em primeiro ponto, o desapontamento geral do povo com os rumos das reformas capitalistas implementadas pelo governo do Solidariedade. Apenas 42,5% do eleitorado compareceram às urnas. A abstenção da maioria só pode ser interpretada como um protesto, silene, mas significativo.

**Walesa derrotado**

Os que votaram impuseram ao governo uma derrota fragorosa e sem cerimônias. A primeira colocação coube à União Democrática, do ex-primeiro ministro Tadeuz Mazowiecki (derrotado e humilhado por Walesa nas eleições presidenciais), que ficou com 12,31% dos votos, conquistando 62 das 460 vagas do Parlamento.

Para surpresa de muitos - e provavelmente até favorecida pela campanha anticomunista destilada pelo atual presidente - a coligação Aliança de Esquerda Democrática (constituída por membros do antigo regime revisionista e liderada pelo Partido Social-Democrata, que sucedeu o POUP) ficou em segundo lugar, com 11,98% dos votos, tendo direito a 60 cadeiras. Uma recuperação expressiva quando se leva em conta que nas eleições parlamentares anteriores, realizadas em junho de 1989, o

POUP não conseguiu eleger sequer um deputado, e fez apenas uma, entre as 100 vagas ao Senado. É bom lembrar que, naquele mesmo pleito, o Solidariedade obteve 100% das vagas em disputa para deputado e conquistou 99 cadeiras no Senado.

A dimensão da derrota (de Lech Walesa e da Igreja Católica, que também saiu razoavelmente desmoralizada) fica mais nítida quando se observa que, há cerca de dois anos apenas, um clima de grande euforia tomou conta de todo o país com a ascensão do Solidariedade ao poder. A mídia burguesa não ocultou seu encanto com a "revolução polonesa", cobrindo de elogios o "herói da luta contra o totalitarismo", o "democrata" Lech Walesa. Com as bênçãos do Vaticano e o monitoramento da dupla FMI/BIRD, o projeto de implantação da sagrada economia de mercado só objetivou o desemprego de 10% da população economicamente ativa e, segundo os indicadores mais recentes, num recuo de 35% da produção industrial desde 1989. O descontentamento não tardou.

**Autoritarismo**

O "democrata" Lech Walesa, contudo, parece que ainda não compreendeu a linguagem das urnas e resvala perigosamente para o autoritarismo declarado. No último dia 6 anunciou que comporá um governo com as forças políticas derrotadas no pleito, minoritário no Parlamento e com uma feição decididamente direitista, incluindo membros do Acordo do Centro (liderado pelo próprio Walesa), Ação Católica, Congresso Liberal Democrata (do primeiro-ministro Bielecki, que deverá permanecer no cargo) e da Confederação da Polônia Independente, esta última uma agremiação política xenófoba, inspirada no fascismo e no anticomunismo.

A tendência ao autoritarismo, que não é exclusiva da Polônia, evidencia a fragilidade da burguesia no Leste europeu e o caráter precário do poder que conquistou como desdobramento imediato da derrota dos regimes revisionistas na região. O projeto de implantação de uma economia dirigida plenamente pelas leis de mercado - o que pressupõe uma radical refor-



Uma flor para Lênin na manifestação do dia 3 em Moscou: a história não chegou ao fim

ma dos preços e a privatização generalizada das estatais - vem sendo duramente contestada pelo povo.

"Centenas de milhares de lojas, restaurantes e pequenas empresas privadas surgiram desde as revoluções de 1989", com milhões de trabalhadores deslocando-se para o setor, conforme nota Gail E. Schares, jornalista da *Business Week*. "Mas", acrescenta, "menos de 100 das 14 mil empresas colocadas à venda na Hungria, na Polônia e na Checoslováquia foram privatizadas até o momento". Depreende-se dessas informações o grande dilema das elites da região: a transição ao capitalismo resultou na restauração da burguesia como categoria social, mas pelo próprio tamanho - considerado em função da época em que se insere - é pequena, a rigor é ainda uma pequena burguesia. Não constitui (é a própria história quem o diz) uma base suficiente para o ousado projeto a que se dedica. Tal fragilidade se projeta igualmente para o cenário político e se revela a cada incidente da atualidade.

**Prenúncio**

Um prenúncio do que pode estar à espera da burguesia na próxima esquina da história veio à luz dos acontecimentos de setembro na Romênia. No dia 25 daquele mês, cerca de 10 mil operários, a maioria mineiros do Vale Jiu, tomaram a capital, Bucareste, de assalto, invadiram o Palácio Presidencial e, durante dois dias, mantiveram o governo literalmente contra a parede. Uma explosão de caráter revolucionário, embora carente de uma direção mais consequente e com todas as marcas que inevitavelmente o movimento operário carrega hoje no Leste europeu - derivadas de uma consciência

ainda desnorteada e incapaz de traduzir numa plataforma política coerente com os reais interesses da classe. A vigorosa ação contou com o apoio dos trabalhadores da capital e dos estivadores de Constanza, no Mar Negro, que anunciaram a disposição de se juntarem aos operários em Bucareste se suas reivindicações não fossem atendidas. O presidente Iliesch inicialmente apelou para a repressão, mas terminou atendendo as principais exigências dos rebeldes: destituiu o primeiro-ministro Petre Roman, determinou o congelamento dos preços de alimentos e produtos básicos (até abril de 1992), reajustou em 50% os salários dos mineiros e prometeu rever o programa de privatizações. "Foi um golpe letal nas reformas", constatou entristecido o jornal inglês *Financial Times*.

**Síntese**

Nas repúblicas que outrora compunham a União Soviética a reestruturação da economia em moldes capitalistas ainda está relativamente bem atrasada frente aos programas do gênero em andamento nos outros países da Europa Oriental. Seus custos talvez sejam expressivamente mais elevados. "Transformar a Polônia em economia capitalista é uma tarefa tão fácil quanto a de Marx de deixar crescer sua barba, se comparada ao esforço necessário para fazer o mesmo na Rússia", diz a revista *The Economist*.

Não obstante, o corajoso czar Bóris Ieltsin promete fazê-lo. Desfilando as bandeiras do Império Russo, assumindo poderes ditatoriais e proibindo a atividade legal dos comunistas, ele garante que promoverá uma reforma radical dos preços (com sua liberalização

completa ainda neste ano) e privatizará 50% das estatais até dezembro de 1992. Veremos. O fato é que as condições políticas para tanto na Rússia, malgrado o cadáver do golpe estar ainda fresco, não lhe são nada favoráveis - provavelmente mostrar-se-ão muito mais hostis que na Polônia.

A época e o atual estágio da consciência humana demandam símbolos, e cada agente da sociedade carrega e defende os seus. Ieltsin os encontrou no túmulo do czarismo e os sinais do seu regime transparecem no novo nome de Leningrado, São Petesburgo, e na marcha realizada por 200 de seus correligionários dia 3, em Moscou, para lembrar e comemorar os 270 anos de fundação do Império Russo por Pedro, o Grande. A vitória da burguesia no Leste europeu constitui claramente a antítese da revolução proletária de 1917. Mas a história ensaia uma síntese e pode-se supor que ela caminha através de acontecimentos como a manifestação, dirigida pela Iniciativa Comunista, ocorrida no mesmo dia 3 em Moscou em defesa de um outro símbolo; o mausoléu de Lênin (aliás, é sintomático que os "reformistas" russos não tenham ainda encontrado forças para enterrá-lo).

É certo que os operários ainda terão de passar por novas experiências antes de retomarem as rédeas do poder na região. Mas é igualmente verdade que a história cobra pressa; ventos de revolta e violência parecem soprar os gemidos de um parto neste final de milênio. É muito embora a fisionomia do fato não esteja nítida dificilmente erraremos ao apostar que ele não nascerá à imagem e semelhança do czar Ieltsin. Certamente se aplica à época o inspitado verso do poeta baiano.